



POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

Relatório Integral - Janeiro 2011

O presente estudo foi solicitado pelo Parlamento Europeu.

O presente documento não representa o ponto de vista do Parlamento Europeu.
As interpretações e opiniões nele contidas são da responsabilidade exclusiva dos autores.

Estudo qualitativo Eurobarómetro

POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

Realizado por TNS Qual+ a pedido do Parlamento Europeu

TNS Qual+
Avenue Herrmann Debroux, 40
1160 Bruxelas
Bélgica

ÍNDICE

Estudo qualitativo Eurobarómetro	2
ÍNDICE	3
Abreviaturas dos países	5
1 SÍNTESE	6
1.1 Síntese temática	7
1.2 Percepções dos meios de comunicação social e da sociedade e experiências pessoais dos inquiridos	8
1.3 A compreensão das questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social pelos decisores	9
1.4 Políticas da UE para combater a pobreza – conhecimento e expectativas ..	10
1.5 Questões específicas – Internet, condições de vida e emprego	11
2 OBJECTIVOS E METODOLOGIA	12
2.1 Contexto e objectivos.....	12
2.2 Metodologia e amostragem.....	12
2.2.1 Configuração.....	12
2.2.2 Conteúdo do debate.....	14
2.2.3 Calendário	15
3 PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES	16
3.1 Principais conclusões	16
3.2 Retratos da pobreza e da exclusão social veiculados pelos meios de comunicação social	17
3.3 Questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social que afectam a vida dos inquiridos.....	20
3.3.1 Custo de vida.....	21
3.3.2 Serviços de saúde e lares.....	24
3.3.3 Condições de vida e meio envolvente.....	24
3.3.4 Pobreza intergeracional.....	25
3.3.5 Desemprego	26
3.3.6 Falta de apoio.....	26
3.3.7 Burocracia.....	26
3.4 Como a sociedade vê a pobreza e a exclusão social	26
3.5 Aspectos em falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social.....	30
4 A COMPREENSÃO DAS QUESTÕES RELACIONADAS COM A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL	36
4.1 Principais conclusões	36
4.2 Até que ponto os decisores compreendem a pobreza e a exclusão social?..	37
4.3 Questões consideradas bem compreendidas	42
4.4 Questões consideradas mal compreendidas	42
4.5 Como melhorar a compreensão	45
5 POLÍTICA	46
5.1 Principais conclusões	46
5.2 O conhecimento da política da UE de combate à pobreza.....	46
5.3 O que a UE deve fazer para combater a pobreza	48
5.4 Principais mensagens para os responsáveis políticos	53
5.5 A medida que os responsáveis políticos devem tomar	55
6 QUESTÕES ESPECÍFICAS	57
6.1 Principais conclusões	57
6.2 Acesso à Internet.....	58
6.2.1 O impacto de (não) ter acesso à Internet.....	60

6.2.2	O que os responsáveis políticos devem fazer em relação ao acesso à Internet	62
6.3	Condições de vida e zonas habitacionais	63
6.3.1	Problemas específicos dos inquiridos	63
6.3.2	O que os responsáveis políticos devem fazer em relação às condições de vida	65
6.4	Problemas na obtenção de emprego.....	67
6.4.1	Problemas específicos dos inquiridos	68
6.4.2	O que os responsáveis políticos devem fazer em relação à dificuldade dos idosos em encontrar emprego.....	70

Abreviaturas dos países¹

Bélgica	BE
República Checa	CZ
Dinamarca	DK
França	FR
Alemanha	DE
Grécia	EL
Hungria	HU
Irlanda	IE
Itália	IT
Letónia	LV
Malta	MT
Polónia	PL
Portugal	PT
Roménia	RO
Eslováquia	SK
Espanha	ES
Suécia	SE
Reino Unido	UK

¹ No presente relatório, as abreviaturas dos Estados-Membros referidas entre parênteses indicam que a questão em causa foi principalmente suscitada por indivíduos desses países específicos.

1 SÍNTESE

Com quase 84 milhões de europeus a viver em risco de pobreza, a União Europeia (UE) uniu forças com os Estados-Membros para fazer de **2010 o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social**. Os principais objectivos eram o alertar de consciências para estas questões e a renovação do compromisso político da UE e dos seus Estados-Membros com o combate à pobreza e à exclusão social. Os princípios orientadores do Ano Europeu 2010 foram dar voz às preocupações das pessoas que têm de viver com a pobreza e a exclusão social e motivar todos os cidadãos europeus e outras partes interessadas a participarem na resolução destas importantes questões².

Neste quadro, o Parlamento Europeu encomendou um estudo qualitativo a realizar em 18 Estados-Membros da UE para examinar as questões que preocupam as pessoas que vivem na pobreza e enfrentam a exclusão social. As conclusões do estudo contidas no presente relatório integral fornecerão um contributo directo para a Ágora dos Cidadãos da UE sobre "Crise e Pobreza", que terá lugar em Janeiro de 2011.

Os **objectivos gerais** do estudo são:

- identificar as questões específicas que preocupam as pessoas que vivem na pobreza e enfrentam ou correm o risco de enfrentar a exclusão social, a fim de definir os domínios que poderão ser abrangidos pela Ágora dos Cidadãos de 2011; e
- fornecer aos responsáveis políticos da UE que participam na Ágora dos Cidadãos de 2011 uma visão directa das preocupações das pessoas que vivem na pobreza e enfrentam a exclusão social.

Nos 18 Estados-Membros seleccionados, o estudo envolveu um total de 160 inquiridos com idade igual ou superior a 60 anos a viver abaixo do limiar de pobreza dos respectivos países. Destes inquiridos:

- Dois terços estavam reformados, dos quais uma minoria estava reformada por motivos de invalidez/saúde. Uma minoria dos inquiridos reformados complementava o seu rendimento de pensão com trabalho.
- Um terço não estava reformado, do qual cerca de metade estava empregada e a outra metade estava desempregada. Os inquiridos que estavam empregados tinham várias ocupações diferentes, como empregado de limpeza, porteiro, fabricante de sinais, guarda de segurança, alfaiate, florista, *baby-sitter*, etc. Alguns inquiridos também tinham empregos a tempo parcial ou eram trabalhadores por conta própria.
- Pouco mais de um terço eram casados ou coabitavam com um parceiro, enquanto os restantes dois terços eram solteiros, divorciados, separados ou viúvos. Alguns inquiridos, embora estes constituíssem uma minoria, tinham filhos a residir consigo ou auxiliavam financeiramente os filhos.

² <http://www.2010againstopoverty.eu/about/index.html?langid=pt>.

1.1 Síntese temática

O estudo revela uma população que se sente ignorada pela sociedade no seu conjunto, que considera que a realidade da sua vida não é representada nos principais meios de comunicação social e que considera que os responsáveis políticos não compreendem a vida das pessoas que enfrentam a pobreza e a exclusão social. Os aspectos materiais e quotidianos da pobreza constituem as questões fundamentais – o custo de vida, o emprego, as pensões, os cuidados de saúde. Os aspectos menos tangíveis também são importantes – o impacto da exclusão social na auto-estima e o desejo de se sentir ouvido e valorizado pela sociedade. Este sentimento de invisibilidade e de exclusão é frequentemente exacerbado pela estigmatização da pobreza e pela vergonha ou pelo embaraço sentidos por muitos inquiridos.

Emergem do estudo os seguintes temas principais:

- Os idosos pobres sentem que ninguém se interessa por eles ou pelas suas lutas diárias.

"Sejamos honestos, ninguém se interessa pelos pobres, nem agora, nem no passado." (EL, homem, 70)

- Os meios de comunicação social não estão empenhados em contar a história dos idosos pobres.

"Acho que não é dada muita cobertura à pobreza nos meios de comunicação social, a televisão mostra mais a riqueza... Toda a gente é rica, toda a gente é bonita, toda a gente é magra, não se vê muita pobreza nos meios de comunicação social... provavelmente, o que se passa é que as pessoas querem ver o lado rico do mundo, não querem ver a pobreza." (UK, mulher, 64)

- Os responsáveis políticos e os decisores estão cientes da pobreza em termos estatísticos, mas têm um entendimento limitado da realidade.

"Não acontece nada porque, se lhes perguntarmos quanto custa um litro de leite, eles não sabem. Não estão a par dos preços. Não têm de ir às compras. Sabem que a pobreza existe, mas não sabem o que ela é. Há muita riqueza e também muita pobreza." (HU, homem, 60)

- Os idosos pobres sentem que têm uma voz limitada.

"Deviam falar com os idosos para compreenderem como eles vivem, sozinhos, completamente isolados." (PT, mulher, 72)

- As questões básicas relacionadas com a alimentação, a segurança, a habitação, a saúde e o emprego constituem as principais preocupações.

"Há pessoas que limitam as despesas com a alimentação a três zlotys por dia. Isto implica diluir o leite em água e comprar um litro de leite e vários pedaços de pão para a semana inteira." (PL, homem, 69)

- O facto de quererem ter um papel na sociedade e alguma dignidade na sua vida também constitui um motivo de preocupação.

"Para podermos viver de maneira digna e humana quando formos velhos." (DE, mulher, 62)

- O rendimento de pensão e as questões relacionadas com o emprego estão subjacentes a quase todas as principais preocupações, e é nestes domínios que a atenção política se deve concentrar, a nível nacional e da UE.

"Os cuidados de saúde consomem a pensão inteira." (SK, mulher, 63)

- Os inquiridos mostraram-se frequentemente cépticos em relação à existência de vontade política para solucionar os problemas.

"[Os decisores] estão tão ocupados a sentar-se à mesa para debater isto e aquilo, que têm depois de realizar outra reunião para debater o que debateram na primeira reunião, mas, na realidade, não fazem nada." (UK, mulher, 69)

1.2 Percepções dos meios de comunicação social e da sociedade e experiências pessoais dos inquiridos

- A opinião predominante entre os inquiridos é a de que **não há empenhamento suficiente nas questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social**. A **principal razão citada para a falta de representação** destas questões é obsessão dos meios de comunicação social com conteúdos associados à abundância, à riqueza, à beleza e à juventude. Os meios de comunicação social vêem estes temas como aspirações das pessoas e, por conseguinte, consideram-nos vendáveis ou mediáticos.
- Quando questões relacionadas com a **pobreza e a exclusão social** são representadas nos meios de comunicação social, os inquiridos consideram que são **exageradas ou retratadas incorrectamente**, por exemplo:
 - como números/estatísticas ou imagens emotivas (pessoas com fome, solidão e isolamento, degradação das zonas habitacionais); ou
 - de forma extremista e sensacionalista.

Estas representações são consideradas incorrectas e enganosas.

- Em contraste com estas representações inexactas da pobreza e da exclusão social nos meios de comunicação social, os inquiridos mencionaram uma **série de questões que consideram afectar o seu quotidiano**. Estas tendem a ser aspectos materiais básicos da vivência com a pobreza, entre os quais se destacam:
 - O custo de vida.
 - Os serviços de saúde e os lares.
 - As condições de vida e o meio envolvente.
 - A pobreza intergeracional – a necessidade de sustentar os filhos ou a preocupação com as perspectivas de emprego dos jovens.

- Os respondentes explicaram a forma como estes aspectos – por exemplo, o custo de vida e as pensões baixas – conduzem à exclusão social e ao isolamento.
- Em geral, os inquiridos consideram que a **sociedade reflecte a abordagem dos meios de comunicação social** à representação das questões relacionadas com a **pobreza e a exclusão social**, na medida em que são **largamente ignorados e a sua situação não é compreendida** ou é encarada de uma forma excessivamente simplista. Os inquiridos sentem-se excluídos da sociedade e, além disso, afirmam existir **falta de empatia, de acção e de interesse por parte da sociedade** quanto às questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, porque as pessoas não se interessam por estas questões a menos que sejam pessoalmente afectadas.
- A maioria dos inquiridos considera que o que falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social é **exemplos da vida real** ou estudos de caso de pessoas que vivem na pobreza e da forma como estas gerem os **problemas reais do dia-a-dia**.
- Os inquiridos gostariam de ver uma **cobertura jornalística que:**
 - **chamasse a atenção para as condições em que os pensionistas têm de viver**, como as condições de habitação e as zonas habitacionais, os baixos rendimentos, a sobrevivência com orçamentos reduzidos, as questões relacionadas com o envelhecimento, o elevado custo dos serviços básicos, o elevado custo das rendas, etc.;
 - **debatesse as diferentes razões por que as pessoas caem na pobreza.**

1.3 A compreensão das questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social pelos decisores

- A opinião mais comum entre os inquiridos é a de que os decisores e os responsáveis políticos, quer a nível local, quer a nível nacional ou europeu, **não compreendem muito bem as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social**. A principal razão apontada para esta falta de compreensão é o facto de **os decisores viverem vidas privilegiadas**, auferindo salários elevados, o que os isenta do risco de serem afectados pela pobreza ou de enfrentarem a exclusão social.
- A **falta de compreensão** por parte dos decisores **não significa necessariamente que estes não estejam cientes dos problemas**. Contudo, os inquiridos consideram existir falta de acção, de interesse e de empatia por parte dos decisores.
- Os inquiridos consideram frequentemente que os decisores têm uma boa compreensão dos **dados** (por exemplo, as estatísticas relativas ao **número** de pessoas que vivem na pobreza) e dos montantes afectados às pensões sociais ou ao apoio social. Contudo, segundo alguns respondentes, isso não

significa que os decisores compreendam a realidade do seu quotidiano – aspecto que é considerado mal compreendido.

- Uma vez que os decisores são vistos como tendo pouca experiência directa com a pobreza e a exclusão social, alguns inquiridos sugeriram que **os cidadãos socialmente excluídos ou as pessoas que vivem na pobreza actuem como conselheiros dos decisores** para estas questões.

1.4 Políticas da UE para combater a pobreza – conhecimento e expectativas

- **Em geral, os inquiridos não estavam muito cientes das políticas da UE para combater a pobreza**, mas supunham que as questões relacionadas com a pobreza constassem da agenda da UE a um nível mais geral. Consequentemente, os inquiridos **puderam dar apenas alguns exemplos de políticas ou de intervenções da UE** de que têm conhecimento ou pelas quais foram afectados.
- Os inquiridos avançaram uma série de ideias sobre **o que a UE deve fazer para combater a pobreza**. As **duas ideias mais frequentemente mencionadas** foram:
 - Combater o **desemprego**.
 - Melhorar **as condições de vida e as zonas habitacionais**.

Outros domínios em que a UE deve empreender acções incluem o **aumento das pensões**, a melhoria do acesso aos **cuidados de saúde** e da acessibilidade destes, a prestação de assistência social aos necessitados e a comunicação com os pobres e socialmente excluídos para determinar quais são as suas preocupações.

- Resulta claro das respostas que tais intervenções não só melhorariam a qualidade de vida dos inquiridos a nível material, como também teriam vários benefícios psicológicos. Figuram entre estes, designadamente: a restauração da **dignidade**, uma vez que a pobreza ainda é vista como vergonhosa ou embaraçosa; a promoção de uma **vida mais activa** (por exemplo, através do emprego) e, consequentemente, a redução da solidão; a ajuda a **combater sentimentos de incerteza e de medo** que as pessoas possam ter acerca do seu futuro.
- Questionados sobre qual é o domínio que mais importa que os responsáveis políticos abordem, os inquiridos reiteraram vários aspectos que cumpre tratar, como o combate ao desemprego, a concentração das atenções na economia e na infra-estrutura (como os cuidados de saúde e a habitação) e a auscultação dos idosos pobres ou socialmente excluídos. Mais uma vez, foram referidas intervenções que não apenas proveriam às necessidades materiais dos idosos pobres ou socialmente excluídos, como também lhes confeririam um **sentido de utilidade e de desígnio**, como a participação em actividades culturais ou a transmissão das suas competências profissionais a gerações mais novas.

1.5 Questões específicas – Internet, condições de vida e emprego

- **Aproximadamente um terço dos inquiridos tem acesso à Internet**, ou através de um computador doméstico, ou através de um computador pertencente a um familiar (por exemplo, um filho), ou através de uma biblioteca ou organização local de formação. Os inquiridos que não dispõem de acesso à Internet referem o custo e o domínio da nova tecnologia como as principais barreiras ao acesso à Internet. Os inquiridos que não dispõem de acesso à Internet têm opiniões diversas sobre se gostariam ou não de ter acesso a esta tecnologia. Para muitos, o impacto de não ter acesso à Internet ou de ter um acesso limitado é o facto de contribuir para a solidão, o isolamento, a depressão, o *stress* e a ansiedade e para o sentimento de exclusão da sociedade. Os inquiridos gostariam que os responsáveis políticos da UE disponibilizassem o **acesso à Internet e cursos de informática a título gratuito ou fortemente subsidiado**.
- **A maioria dos inquiridos expressou alguma preocupação com as condições de vida precárias e/ou com o bairro** em que vive. Foram manifestadas preocupações com uma série de diferentes aspectos, entre os quais os mais citados foram os comportamentos anti-sociais e a segurança, a falta de manutenção dos edifícios em que residem e a limpeza das ruas. Sem constituir surpresa, os inquiridos gostariam de ver intervenções por parte dos responsáveis políticos da UE nestas questões específicas: aumentar as pensões, diminuir os impostos pagos pelos reformados e subsidiar o custo dos serviços básicos e das rendas, uma vez que assim teriam dinheiro para suportar os custos de manutenção básica dos edifícios em que residem.
- Os inquiridos referiram uma série de questões que têm **impacto na sua capacidade para encontrar trabalho**. Entre estas, destacam-se as barreiras etárias ou a discriminação etária e as crescentes taxas de desemprego. Para combater estes problemas, os inquiridos gostariam que os responsáveis políticos da UE criassem mais oportunidades de emprego e introduzissem medidas para combater a discriminação etária no local de trabalho, e que houvesse um maior empenho dos centros de emprego na obtenção de empregos adequados para os trabalhadores idosos.

2 OBJECTIVOS E METODOLOGIA

2.1 Contexto e objectivos

Com quase 84 milhões de europeus a viver em risco de pobreza, a União Europeia (UE) uniu forças com os Estados-Membros para fazer de **2010 o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social**. Os principais objectivos eram o alertar de consciências para estas questões e a renovação do compromisso político da UE e dos seus Estados-Membros com o combate à pobreza e à exclusão social. Os princípios orientadores do Ano Europeu 2010 foram dar voz às preocupações das pessoas que têm de viver com a pobreza e a exclusão social e motivar todos os cidadãos europeus e outras partes interessadas a participarem na resolução destas importantes questões³.

Neste quadro, o Parlamento Europeu encomendou um estudo qualitativo a realizar em 18 Estados-Membros da UE para examinar as questões que preocupam as pessoas que vivem na pobreza e enfrentam a exclusão social. As conclusões do estudo contidas no presente relatório integral fornecerão um contributo directo para a Ágora dos Cidadãos da UE sobre "Crise e Pobreza", que terá lugar em Janeiro de 2011.

Os **objectivos gerais** do estudo são:

- identificar as questões específicas que preocupam as pessoas que vivem na pobreza e enfrentam ou correm o risco de enfrentar a exclusão social, a fim de definir os domínios que poderão ser abrangidos pela Ágora dos Cidadãos de 2011; e
- fornecer aos responsáveis políticos da UE que participam na Ágora dos Cidadãos de 2011 uma visão directa das preocupações das pessoas que vivem na pobreza e enfrentam a exclusão social.

2.2 Metodologia e amostragem

2.2.1 Configuração

O estudo compreendeu duas fases; o presente relatório foca a primeira fase. Esta primeira fase consistiu na realização de uma série de **grupos focais numa amostra de 18 Estados-Membros**, compostos por idosos com idade igual ou superior a 60 anos que viviam na pobreza e exclusão social,. Em cada um dos países, foi realizado um grupo focal com cerca de 90 minutos de duração, em que todos os 8 a 12 **participantes viviam abaixo do limiar da pobreza do respectivo país de residência**⁴. Além disso, pretendeu-se que pelo menos quatro inquiridos em cada

³ <http://www.2010againstopoverty.eu/about/?langid=pt>.

⁴ Foram utilizados limiares de pobreza individuais para cada Estado-Membro, os quais podem ser visualizados no questionário de selecção apresentado em anexo ao presente relatório. Os indivíduos foram seleccionados com base na condição de o seu rendimento familiar se situar abaixo do limiar

grupo **se incluíssem também na categoria de socialmente excluídos**⁵. Os grupos foram compostos por homens e de mulheres, bem como por reformados, desempregados e empregados. É apresentada em baixo uma repartição dos participantes por Estado-Membro.

ESTADO-MEMBRO	SEXO		FAIXA ETÁRIA	ABAIXO DO LIMIAR DA POBREZA	SOCIALMENTE EXCLUÍDOS	LOCAL DE REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL
	M	F				
Bélgica	4	4	60 - 73	Todos	8 de 8	Bruxelas
República Checa	4	4	60 - 65	Todos	4 de 8	Praga
Dinamarca	5	6	64 - 81	Todos	10 de 11	Copenhaga
França	3	6	60 - 75	Todos	9 de 9	Paris
Alemanha	4	6	60 - 75	Todos	10 de 10	Munique
Grécia	4	4	60 - 70	Todos	4 de 8	Atenas
Hungria	4	4	60 - 65	Todos	6 de 8	Budapeste
Irlanda	3	5	63 - 71	Todos	4 de 8	Dublin
Itália	5	4	63 - 70	Todos	9 de 9	Milão
Letónia	3	7	59* - 78	Todos	8 de 10	Riga
Malta	6	4	60 - 82	Todos	9 de 10	St. Julian's
Polónia	4	4	60 - 69	Todos	6 de 8	Varsóvia
Portugal	3	5	63 - 74	Todos	8 de 8	Lisboa
Roménia	3	6	60 - 86	Todos	8 de 9	Bucareste
Eslováquia	3	5	61 - 78	Todos	8 de 8	Bratislava
Espanha	5	4	60 - 72	Todos	6 de 9	Madrid
Suécia	3	7	62 - 74	Todos	8 de 10	Gotemburgo
Reino Unido	1	8	62 - 69	Todos	8 de 9	Londres

* Um inquirido do grupo letão tinha 59 anos.

Estes grupos representam um total de 160 inquiridos distribuídos pelos 18 Estados-Membros. Destes inquiridos:

- Dois terços estavam reformados, dos quais uma minoria estava reformada por motivos de invalidez/saúde. Uma minoria dos reformados complementava o seu rendimento de pensão com trabalho.
- Um terço não estava reformado, do qual cerca de metade estava empregada e a outra metade estava desempregada. Os que estavam empregados tinham várias ocupações diferentes, como empregado de limpeza, porteiro, fabricante de sinais, guarda de segurança, alfaiate, florista, *baby-sitter*, etc. Alguns inquiridos também tinham empregos a tempo parcial ou eram trabalhadores por conta própria.
- Pouco mais de um terço eram casados ou coabitavam com um parceiro, enquanto os restantes dois terços eram solteiros, divorciados, separados ou viúvos. Alguns inquiridos, embora estes constituíssem uma minoria, tinham filhos a residir com eles ou auxiliavam financeiramente os filhos.

identificado, em função do número de pessoas que compõem o agregado familiar.

⁵ Foram categorizados como socialmente excluídos os inquiridos que indicaram aplicar-se-lhes quatro ou mais afirmações da Pergunta 4 do questionário de selecção.

A fase seguinte do estudo implicou convidar uma selecção de participantes nos grupos focais a viajar até Bruxelas em Janeiro de 2011 para participar num segundo debate, a fim de formular um contributo para a Ágora. O quadro apresentado em baixo indica o número de indivíduos convocados em cada um dos 18 Estados-Membros.

PAÍS	NÚMERO DE CONVOCADOS PARA O SEGUNDO EVENTO
Bélgica	1
República Checa	1
Dinamarca	1
França	2
Alemanha	2
Grécia	1
Hungria	1
Irlanda	1
Itália	2
Letónia	0
Malta	0
Polónia	2
Portugal	1
Roménia	2
Eslováquia	0
Espanha	1
Suécia	1
Reino Unido	2
TOTAL	21

2.2.2 Conteúdo do debate

O debate começou por explorar de um modo genérico o que pensam os inquiridos sobre a forma como a pobreza e a exclusão social são representadas nos meios de comunicação social, quais são as principais preocupações dos inquiridos no seu dia-a-dia e o que pensa a sociedade, no entender dos inquiridos, sobre a pobreza e a exclusão social. Seguiu-se um debate sobre as opiniões e as prioridades específicas dos inquiridos em relação aos aspectos da sua vida que consideram ser compreendidos pelos responsáveis políticos e às acções que gostariam de ver os responsáveis políticos europeus empreenderem. Os inquiridos foram questionados em três áreas de interesse específicas no contexto da Ágora: a Internet e outras novas tecnologias da comunicação, as condições de vida e os problemas que afectam os bairros em que residem e a sua experiência em reencontrar trabalho após um período de desemprego. Por último, foi pedido aos inquiridos que identificassem uma acção concreta que gostariam que os responsáveis políticos da UE empreendessem para combater os problemas relacionados com a pobreza e a exclusão social.

O guia de debate utilizado no estudo é apresentado em anexo ao presente relatório.

2.2.3 Calendário

O trabalho de campo do presente estudo foi realizado entre 6 e 10 de Dezembro de 2010.

3 PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES

O presente capítulo explora algumas das principais preocupações dos inquiridos no seu dia-a-dia. A fim de determinar quais são estas preocupações, foi pedido aos inquiridos, em primeiro lugar, que reflectissem sobre a forma como as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social são representadas e percebidas nos meios de comunicação social. Esta abordagem foi adoptada para assegurar o à-vontade de cada inquirido com o tema potencialmente sensível em debate e para fornecer um contexto para o ulterior debate no seio do grupo sobre as suas próprias preocupações. Foi também perguntado aos inquiridos o que consideram estar em falta e o que mudariam na representação destas questões nos meios de comunicação social e como acham que a sociedade vê a pobreza e a exclusão social.

3.1 Principais conclusões

- A opinião predominante entre os inquiridos é a de que **não há empenhamento suficiente dos meios de comunicação social nas questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social**. A **principal razão citada para esta falta de empenhamento** é a obsessão dos meios de comunicação social com conteúdos associados à abundância, à riqueza, à beleza e à juventude. Os meios de comunicação social vêem estes temas como aspirações das pessoas e, por conseguinte, consideram-nos vendáveis ou mediáticos.
- Quando questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social são representadas nos meios de comunicação social, os inquiridos consideram que são representadas principalmente como números/estatísticas e imagens emotivas (pessoas com fome, solidão e isolamento, degradação das zonas habitacionais) ou de uma forma extremista e sensacionalista. Estas representações são consideradas incorrectas e enganosas.
- Em contraste com estas representações inexactas da pobreza e da exclusão social nos meios de comunicação social, os inquiridos mencionaram uma **série de questões que consideram afectar o seu quotidiano**. Entre estas, destacam-se: os custos de vida, os serviços de saúde e os lares, as condições de vida e a degradação dos bairros, e a pobreza intergeracional. Os inquiridos também explicaram a forma como estes factores, nomeadamente o custo de vida elevado, conduzem à exclusão social e ao isolamento.
- De um modo geral, os inquiridos consideram que a **sociedade reflecte a abordagem dos meios de comunicação social** à representação das questões relacionadas com a **pobreza e a exclusão social**, na medida em que são **largamente ignorados e a sua situação não é de todo ou correctamente compreendida** e é encarada de uma forma excessivamente simplista. Os inquiridos sentem-se excluídos da sociedade e, além disso, afirmam existir **falta de empatia, de acção e de interesse por parte da sociedade** quanto às questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, porque as pessoas parecem não se interessar por estas questões a menos que sejam pessoalmente afectadas.

- A maioria dos inquiridos considera que o que falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social é **exemplos da vida real ou estudos de casos** de pessoas que vivem na pobreza e da forma como estas gerem os problemas reais do dia-a-dia.
- Os inquiridos gostariam de ver **uma cobertura jornalística que chamasse a atenção para as condições em que os pensionistas têm de viver**, como as condições de habitação e os bairros onde vivem, os baixos rendimentos, a sobrevivência com orçamentos reduzidos, as questões relacionadas com o envelhecimento, o elevado custo dos serviços básicos e o elevado custo das rendas. Os inquiridos consideram que os meios de comunicação social devem também **cobrir as diferentes razões por que as pessoas caem na pobreza** e permanecem na pobreza.

3.2 Retratos da pobreza e da exclusão social veiculados pelos meios de comunicação social

Todos os inquiridos tinham algum contacto com os meios de comunicação social, quer fosse vendo televisão (noticiários, telenovelas ou documentários), ouvindo rádio ou lendo jornais, embora, evidentemente, em graus diversos e com acesso a diferentes tipos de meios de comunicação social.

A opinião predominante entre os inquiridos é a de que **não há empenhamento suficiente dos meios de comunicação social nas questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social** (UK, SK, EL, DE, PL, DK, MT, LV, IE, RO, IT, PT, CZ, ES). Os inquiridos consideram que estas questões são frequentemente encobertas (UK, SK, DK, CZ).

"Nunca vi na televisão um programa sério sobre a pobreza ou a exclusão social." (EL, mulher, 65)

"Muitas pessoas simplesmente não querem ouvir falar disto. Tapam os olhos e os ouvidos porque não querem ser confrontadas com problemas de pobreza." (DK, mulher, 81)

"Penso que é preciso insistir em programas de televisão que retratem devidamente os cidadãos e as dificuldades que eles têm de enfrentar. É preciso falar disso continuamente. Os meios de comunicação social não fazem bem o seu trabalho." (BE, homem, 60)

"Ninguém quer ouvir falar dos pobres nos meios de comunicação social. Alguém não ter alguma coisa não é notícia. Os poderosos não querem saber." (CZ, mulher 64)

"O jornal publicou que seriam criados quinhentos novos postos de trabalho. Mas não acrescentou que, entretanto, se perderiam setecentos postos de trabalho em Peste..." (HU, homem, 61)

A principal **razão citada para esta falta de empenhamento** é a obsessão dos meios de comunicação social com conteúdos associados à abundância, à riqueza, à beleza e à juventude. Estas são coisas a que as pessoas aspiram (UK, SE, ES, PL), são coisas vendáveis ou mediáticas (as vidas dos jovens, ricos e famosos) que

conseguirão maiores audiências, o que é do interesse financeiro dos meios de comunicação social (SE, RO, SK, HU, EL, PL). Alguns inquiridos afirmam que a importação de programas americanos contribuiu para a predominância destes ideais (UK).

"Acho que não é dada muita cobertura à pobreza nos meios de comunicação social, a televisão mostra mais a riqueza... Toda a gente é rica, toda a gente é bonita, toda a gente é magra, não se vê muita pobreza nos meios de comunicação social... provavelmente, o que se passa é que as pessoas querem ver o lado rico do mundo, não querem ver a pobreza." (UK, mulher, 64)

A vida do dia-a-dia não é atractiva. É melhor não mostrarmos esta pobreza no estrangeiro." (PL, homem, 64)

Quando as pessoas idosas e reformadas são retratadas, são-no habitualmente como pessoas que têm uma boa vida e recursos económicos. Seria embaraçoso retratar os pobres idosos ou reformados (SE).

"Os idosos pobres e reformados são retratados nos meios de comunicação social como pessoas da classe alta que viajam para o estrangeiro e são boas gastadoras." (SE, mulher, 67)

Quando questões relacionadas com a **pobreza e a exclusão social** são representadas nos meios de comunicação social, os inquiridos consideram que são **representadas das seguintes maneiras:**

- Os meios de comunicação social estão mais preocupados em representar números/estatísticas e imagens de pobreza (pessoas com fome, solidão e isolamento, degradação das zonas habitacionais) do que em apresentar casos concretos e pormenorizados das vidas das pessoas. Existe informação sobre a taxa de desemprego e respectivas flutuações, mas os números nada dizem sobre a forma como vivem as pessoas às quais esses números se aplicam (PT, DE, HU, DE, IT, BE). Os números são susceptíveis de interpretações variadas – as pessoas podem interpretar os números de acordo com o modo como querem ver a pobreza e a exclusão social (BE).

"A televisão mostra com bastante frequência pessoas a dormir nas ruas, mas não passa de imagens." (PT, mulher, 63)

"A percentagem de pobres que temos aqui é referida ocasionalmente. Mas nunca ouvimos uma análise aprofundada." (DE, mulher, 62)

"Eles só dizem qual é a percentagem." (HU, homem, 60)

- A pobreza e a exclusão social são retratadas de forma extremista, sensacionalista ou utilizando a perspectiva do pior cenário possível (por exemplo, um sem-abrigo que morre em resultado de condições meteorológicas severas ou um doente que se encontra em estado terminal), em vez de serem retratadas como a realidade diária de um grupo muito vasto de pessoas (SK, IE, CZ, ES, EL, IT, BE).

"Se uma pessoa tem cancro, nunca tem cancro no dedo mindinho, é sempre cancro no cérebro ou algo muito grave a que não sobreviverá." (IE, homem, 71)

Relacionado com isto está a representação superficial estereotipada dos pobres, nomeadamente nas telenovelas, como pessoas preguiçosas que não querem trabalhar e que recorrem a todas as artimanhas para explorar o sistema de assistência social do Estado (DE, DK, SK). Além disso, a indústria do entretenimento, como os dramas e as comédias, retrata com frequência os pobres como extremamente pobres, imundos e patéticos. Este exagero e esta polarização das personagens são utilizados para tornar o filme mais interessante ou divertido ou para estabelecer uma distinção muito mais clara, mas não é uma imagem muito honesta (DK).

- Existe uma cobertura muito maior da pobreza a nível internacional do que a nível nacional ou local (UK, PT, MT).

"Mostram-nos o que se passa no Haiti, mostram-nos o que se passa no México... em África... mostram-nos o que se passa com todas essas pessoas, mas não mostram o que se passa aqui... Queremos saber o que se passa aqui, e há tanta pobreza no nosso meio..." (UK, mulher, 68)

"As pessoas enviam dinheiro para o Haiti, mas, para aqui, não há nada." (BE, homem, 60)

- Os meios de comunicação social mostram casos de caridade para com os pobres, mas trata-se habitualmente de actos isolados para com pessoas necessitadas, como, por exemplo, a compra de uma cadeira de rodas ou o fornecimento de alimentos (SK), ou de actos que criam a impressão de que o Estado e as outras autoridades estão a prestar ajuda suficiente aos pobres – que a ajuda prestada é suficiente para uma vida condigna (HU).
- Os debates sobre a pobreza versam sobretudo a recente crise económica global e as suas consequências nacionais (IE).
- Os meios de comunicação social retratam os idosos pobres como um grupo tão pequeno que não merece ser focado/não é suficientemente interessante (SE).
- A pobreza tem sempre um final feliz quando é representada em séries televisivas ou em telenovelas, o que é irrealista (PT).

"Nas séries e nas telenovelas, os casos de pobreza têm sempre um final feliz, mas a pobreza não é assim na vida real." (PT, homem, 67)

- É dada uma ênfase excessiva ao álcool e aos bares. O álcool é omnipresente no retrato da vida dos pobres, e os *pubs* e bares são frequentemente o centro não só de reuniões sociais, como também das próprias comunidades. Para alguns dos inquiridos que vivem em comunidades urbanas, este parece ser um retrato exacto da sua comunidade; contudo, para alguns inquiridos que vivem nos subúrbios, existem outros locais que podem ser utilizados para socializar (IE).

"As pessoas não vão sempre [ao pub] para tomar um copo, mas sim para socializar, porque não há outro sítio." (IE, mulher, 63)

De um modo geral, estas representações **não são consideradas exactas**, tendo os inquiridos citado muitas razões para isso:

- A pobreza na sociedade é, em certa medida, escondida e difícil de identificar, uma vez que as pessoas tentam manter as aparências e têm vergonha da sua situação (DK, ES, SK, IT)⁶.

"Hoje, a pobreza é introvertida, mas, nos filmes, ela é extrovertida. Num filme, sabe-se sempre se uma pessoa é pobre. Na vida real, nunca se sabe, porque os pobres não expõem a sua pobreza." (DK, homem, 71)

"A pobreza escondida está mascarada." (SK, mulher, 63)

- Os meios de comunicação social não são sempre independentes, e o encobrimento das questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social pode favorecer os interesses de proprietários de empresas de comunicação social ou de jornais, os quais, em alguns casos, também são políticos (RO, CZ, ES, BE): se os problemas não forem mostrados, não é necessário empreender acções para remediá-los. Os partidos políticos da oposição vinculados a diversos meios de comunicação social informativos utilizam-nos para veicular diferentes versões da realidade da pobreza, a fim de se exporem mutuamente (MT). São seleccionados os entrevistados que não denunciarão condições de vida severas ou que são capazes de contar a versão preferida da verdade, e os entrevistados têm cuidado com as suas afirmações, a fim de encobrir os problemas (HU).
- O retrato da pobreza e da exclusão social é inexacto, uma vez que os meios de comunicação social não têm tempo ou não têm vontade de se familiarizarem com a situação/não dedicam tempo à correcta compreensão das questões (SE, RO).

3.3 Questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social que afectam a vida dos inquiridos

Uma vez que a totalidade dos inquiridos vivia abaixo do limiar da pobreza do seu país e que alguns eram também socialmente excluídos, todos tinham uma opinião sobre a forma como as questões que afectam a sua vida estão relacionadas com a pobreza e a exclusão social. Os inquiridos expressaram preocupação com uma série de questões que afectam a sua vida, as quais são apresentadas resumidamente no

⁶ É interessante notar que a dimensão escondida da pobreza também se fez sentir nos grupos focais, nomeadamente no grupo alemão, cujos membros não se mostraram relutantes em referir-se a si próprios como pobres e socialmente excluídos; no grupo sueco, alguns inquiridos mostraram-se mais dispostos do que outros a admitir abertamente a sua situação, enquanto nos grupos irlandês e letão os inquiridos não se viam como pobres ou socialmente excluídos (embora tenham sido convocados nessa condição) e consideravam que os efectivamente pobres se encontravam numa situação pior do que a sua.

quadro seguinte, das mais referidas às menos referidas, antes de serem analisadas em mais pormenor.

QUESTÕES QUE AFECTAM AS VIDAS DOS INQUIRIDOS		
Questão	Exemplo	Inquiridos de:
Custo de vida	Dinheiro insuficiente para as despesas diárias. Inexistência de dinheiro para despesas suplementares, como pequenos prazeres para si próprios e terceiros. Dificuldade em fazer face a despesas inesperadas. Cobrança de imposto sobre o rendimento de reforma. Custos de deslocação elevados. A exclusão social e o isolamento gerados por um rendimento insuficiente e as consequências emocionais e físicas daí resultantes.	UK, SE, DE, DK, HU, ES, EL, PL, LV, FR, BE
Serviços de saúde e lares	A qualidade dos cuidados prestados nas instalações de cuidados de saúde e nos lares preocupa os inquiridos. O custo dos medicamentos que não são comparticipados tem um impacto substancial nos orçamentos dos inquiridos.	HU, DE, UK, LV, PT, FR, BE
Condições de vida e zonas habitacionais	O custo de manutenção dos domicílios. Penalizações por reciclagem incorrecta. Algumas pessoas perderam a casa em resultado da pobreza. As más condições ou pequena dimensão das casas. O impacto negativo da criminalidade e do comportamento anti-social nos bairros dos inquiridos. O encerramento de estruturas sociais pelo governo local, o que deixa os jovens sem actividades e sem locais para frequentarem depois das aulas. Vizinhos barulhentos.	UK, ES, EL, LV, FR
Pobreza intergeracional	Prestação de apoio financeiro aos filhos quando os próprios inquiridos enfrentam dificuldades económicas.	UK, MT, ES, HU, FR
Desemprego	Pessoas que perderam o emprego, especialmente em resultado da crise económica global, e têm dificuldade em encontrar um novo emprego.	ES, PL, FR
Falta de apoio	Os pobres e socialmente excluídos vêem a sua situação agravar-se devido à falta de uma rede social ou de apoio familiar.	ES
Burocracia	A burocracia (por exemplo, documentação e tempo) dificulta o acesso dos inquiridos à assistência financeira ou outra.	MT

3.3.1 Custo de vida

A questão mais debatida entre aquelas que afectam a vida dos inquiridos foi o custo de vida. É geralmente considerado que aqueles que vivem com baixos rendimentos, e especialmente aqueles que dependem quase exclusivamente de pensões, **não**

têm dinheiro suficiente para pagar as contas, quanto mais para se permitirem luxos, como o de proporcionar pequenos prazeres a si próprios ou a familiares, por exemplo, os netos (UK, SE, DE, DK, ES, PL, LV, HU, ES, FR, BE).

"Deixei de gostar de ir aos mercados de Natal porque não posso comprar nada lá. Talvez, uma vez por outra, um copo de vinho quente, mas só isso." (DE, mulher, 66)

Mesmo aqueles que conseguem pagar as contas e cobrir custos suplementares têm de vigiar os gastos diários. Estes inquiridos têm de fazer escolhas ponderadas quanto àquilo em que gastam o seu dinheiro e vêm-se obrigados a cortar nas despesas maiores para conseguirem pagar as contas (DE, HU, UK, BE).

"Não pago as contas todas. Tudo o que me dão [pensão e outras formas de apoio financeiro] mal chega para comprar seja o que for. O que eu gostava de fazer, para além de comprar comida e pagar as contas, era oferecer um mimo aos meus netos quando vão lá a casa. Era só isso [que eu gostava], e não tenho meios suficientes." (UK, mulher, 67)

"Tive de cancelar todos os meus seguros. Só consigo manter o seguro de funeral e o seguro de responsabilidade civil." (DE, mulher, 64)

"Temos de fazer escolhas: pagar o gás ou pagar a Internet, ou mesmo comer. Muitas vezes, fazemos malabarismos com os cartões de crédito." (BE, homem, 60)

"As pessoas acham que não é um problema. Não tens dinheiro suficiente para uma televisão nova? Vai a um banco e eles dão-te um empréstimo! Estás desempregado? Tira um curso de requalificação profissional! É tudo assim... Nada é um problema. Tudo tem uma solução inteligente. Mas, no mundo real, não é assim que funciona." (CZ, homem, 65)

Contudo, os inquiridos desenvolveram estratégias para maximizar o seu poder de compra e para tentar poupar dinheiro (FR).

"Quanto mais perto do fim do prazo de validade, mais barata é a carne. O que faço é comprar a carne no dia em que expira o prazo de validade e ainda está boa. Às vezes, compro-a a metade do preço normal." (FR, mulher)

A situação torna-se particularmente difícil para os inquiridos quando estes são **inesperadamente confrontados com grandes despesas** (DE).

Os inquiridos consideram que estão a **pagar demasiados impostos** sobre o seu rendimento de reforma e que este facto contribui para a falta de dinheiro (SE, UK). Os inquiridos que trabalharam ao longo da vida sentem-se "penalizados" na actual fase da vida por o terem feito. Por exemplo, foi relatado que, embora os inquiridos tenham pago um imposto sobre o rendimento e contribuições de segurança social ao longo da sua vida activa, estão agora a pagar um imposto sobre as suas pensões baseadas no trabalho, o que é considerado injusto pela generalidade das pessoas. Além disso, aqueles que são beneficiários de pensões privadas sentem-se lesados por esses rendimentos os tornarem não elegíveis para o crédito de pensão (UK).

"É exactamente isto que me aflige. Trabalhei toda a vida e, de repente, sou penalizado por todos os lados. Paguei todos os meus impostos, a segurança social, tudo, e de repente tornei-me uma vítima." (UK, homem, 62)

Alguns inquiridos pensam que os custos dos transportes públicos são elevados e inacessíveis e consideram que este facto contribuiu para aumentar o seu isolamento, pois não têm dinheiro para se deslocarem, ficando confinados à sua casa ou ao seu bairro. Alguns inquiridos dependem da família ou de outras pessoas para se deslocarem aos locais desejados (DK).

"O meu filho leva-me de carro algumas vezes, mas detesto incomodá-lo. O mais frequente é não ir, porque é mais fácil e barato ficar em casa." (DK, mulher, 73)

A preocupação de **não poder pagar as contas** é considerada especialmente inquietante devido ao **efeito que está a ter na saúde dos inquiridos**. Foram ouvidos relatos de ameaças de acções judiciais feitas a inquiridos por estes não terem condições económicas para fazer os pagamentos mínimos das contas dos serviços básicos. Este facto suscita grande preocupação entre os inquiridos, que frequentemente não têm possibilidade de cortar noutras despesas para poderem aumentar estes pagamentos, uma vez que já estão a viver no limite de subsistência (UK).

"Pago 20 libras todos os meses e isso não chega, mas não posso pagar mais do que isso. Senão, não como. Tenho de comprar comida." (UK, mulher, 68)

Não ter rendimentos suficientes para as necessidades básicas ou não ter dinheiro para despesas suplementares afecta o bem-estar emocional dos inquiridos e conduz à exclusão social e ao isolamento.

Por vergonha, poucos inquiridos aproveitam as ofertas de caridade (alimentos fornecidos pelas associações de previdência dos trabalhadores, lojas de vestuário geridas pelos serviços de segurança social, etc.) e poucos conseguem participar na vida cultural e social, o que conduz ao seu isolamento social. Os inquiridos consideram que perderam a sua independência desde a reforma, uma vez que têm de depender de terceiros para receber assistência financeira ou de outro tipo, o que os faz sentir que, em certa medida, já não controlam o seu próprio destino (FR).

Para os inquiridos, aceitar esta situação é particularmente difícil, porque conheceram outro tipo de vida em que tinham dinheiro para fazer muito mais coisas, tinham acesso a actividades culturais e usufruíam de prazeres modestos (DE, LV). Devido a limitações financeiras, tornou-se impossível assistir a diferentes eventos culturais, como ir ao teatro, o que significa que os idosos que vivem sozinhos ficam em casa, sós e isolados (LV).

Um factor que contribui para o isolamento dos participantes é sentirem que o trabalho árduo que realizaram ao longo da vida não foi reconhecido pelo Estado. Pelo contrário, os inquiridos consideram que, muito injustamente, recebem o mesmo tratamento de pessoas que, na sua opinião, são menos merecedoras: as pessoas preguiçosas que vivem à custa do subsídio de desemprego e os estrangeiros (DE, PL).

"As pessoas pensam que toda a gente é responsável pelo futuro delas." (CZ, mulher, 64)

Os respondentes manifestam também descontentamento por haver pensionistas que têm melhores condições económicas e pelas elevadas remunerações dos políticos e dos gestores (DE, HU, FR).

3.3.2 Serviços de saúde e lares

As preocupações dos inquiridos com os serviços de saúde e os lares estão relacionadas com a qualidade e o custo dos serviços.

Alguns inquiridos consideram que os **serviços de saúde e de cuidados** (como os lares) **não são geridos de forma eficiente**, o que prejudica grupos já socialmente excluídos, como os idosos e as pessoas portadoras de deficiência. Entre os motivos de preocupação encontram-se questões relacionadas com a falta de pessoal para tratar ou mesmo para observar os doentes e com deficiências na gestão dos lares e dos hospitais (UK, IE).

"Os lares são outro lugar... as pessoas que lá vivem estão muito incapacitadas, e eles nunca têm pessoal suficiente para cuidar das pessoas..." (UK, mulher, 69)

Estas questões preocupam particularmente os inquiridos, porque os idosos têm geralmente problemas de saúde, e os respondentes conhecem pessoas que vivem em lares ou pensam que estas questões os afectarão pessoalmente em breve (UK, PT).

"Vivo com medo porque não sei para onde ir quando não puder cuidar de mim. Não tenho dinheiro para pagar um bom lar." (PT, mulher, 72)

Além disso, a ideia de que muitos inquiridos não têm dinheiro para pagar cuidados de saúde privados gera ainda mais ansiedade em torno destas questões (UK).

Outra preocupação é o custo dos medicamentos e o seu impacto nos orçamentos dos inquiridos, uma vez que nem todos os medicamentos que estes têm de tomar regularmente (por exemplo, antidepressivos, medicamentos para o cancro) pertencem à lista de medicamentos comparticipados e têm de ser comprados sem qualquer apoio financeiro. O custo mensal destes medicamentos tem, por vezes, um impacto significativo nos orçamentos dos inquiridos, os quais se vêem obrigados a cortar nas despesas com a alimentação e a habitação para poderem comprar os medicamentos (HU, DE, LV, FR, BE).

"Quando ficamos numa situação difícil, não recebemos apoio nenhum... Mas nenhum dos medicamentos para o cancro é barato... e vou à segurança social em vão. Temos um apartamento e um carro, por isso, adeus. Não querem saber de mim." (HU, mulher, 64)

"Os olhos e os dentes são um luxo." (BE, homem, 60)

3.3.3 Condições de vida e meio envolvente

Os inquiridos consideram que as suas condições de vida constituem um motivo de preocupação e contribuem para a presença da pobreza e da exclusão social na sua vida. Um dos problemas associados às condições de vida está relacionado com os custos de manutenção dos apartamentos, a qual ou é da responsabilidade dos inquiridos e estes não têm meios suficientes para a suportar, ou é da responsabilidade do Estado e este não a realiza regularmente. O mau estado das habitações suscita sentimentos de alienação e de exclusão social (UK, EL, LV, FR).

"Por exemplo, as coisas não estão tão más para nós, para mim. Temos aquecimento e até parece que não falta nada. No entanto, as janelas estão em tão mau estado que tenho medo de tocar nelas. Este ano, ainda lá estão, mas não sei se estarão lá para o ano." (LV, mulher, 65)

Outro motivo de preocupação dos inquiridos está relacionado com a recolha do lixo doméstico e dos resíduos recicláveis e com propostas que visam multar os residentes que não reciclam correctamente. Isto é considerado injusto para os grupos excluídos, como as pessoas que não falam inglês como primeira língua, as pessoas portadoras de deficiência e as pessoas com dificuldades de literacia. Os inquiridos acreditam que esta política agravará as desvantagens destes grupos, quer do ponto de vista económico, quer através do modo como a informação é comunicada (UK).

"O que será dos idosos, das pessoas que não falam a língua? Todas essas pessoas vão ser espoliadas porque vão ter de pagar se não reciclarem." (UK, mulher, 64)

Em alguns casos, as pessoas perderam as suas casas em resultado de terem caído na pobreza (ES).

Revelou-se comum entre os inquiridos a afirmação de que as zonas em que vivem são socialmente carenciadas e propensas a episódios de criminalidade e de comportamentos anti-sociais (ver Capítulo 6). É considerado que estas questões têm um grande impacto na pobreza das comunidades locais e na vida dos respondentes. Estes afirmam que esses problemas são agravados pela falta de princípios morais na sociedade contemporânea e são exacerbados pela ênfase no materialismo, particularmente entre as gerações mais novas (UK).

"Os miúdos querem artigos na moda, querem coisas boas, querem um iPod, querem um iPhone, querem tudo. É por isso que se tornam criminosos..." (UK, homem, 62)

Os inquiridos argumentaram que o **encerramento de estruturas sociais locais** leva a que muitos jovens se reúnam nas ruas, incorram em comportamentos anti-sociais e intimidem os mais velhos, o que aumenta o sentimento de pobreza nas comunidades locais.

"Encerraram os campos de futebol, os campos de críquete, tudo o que tem a ver com desporto foi encerrado, desapareceu. O que fazem os miúdos? Para onde vão? [...] Não há nada para fazer. Dedicam-se a todo o tipo de criminalidade." (UK, mulher, 64)

Além disso, foram também manifestadas preocupações com vizinhos barulhentos, os quais, no entender dos inquiridos, contribuem para as suas más condições de vida. (UK)

3.3.4 Pobreza intergeracional

Em relação com as preocupações com o custo de vida, os inquiridos também se manifestaram apreensivos quanto à capacidade das futuras gerações para suportar o custo de vida, em especial os seus filhos e netos. Esta é uma questão particularmente problemática para os inquiridos que têm filhos a residir consigo ou

que sustentam financeiramente os filhos, quer porque estes não encontram emprego, quer porque sofrem de problemas de saúde ou são portadores de deficiência (UK, MT). Embora o Capítulo 2 indique que apenas uma minoria dos inquiridos tem filhos a residir consigo, é evidente que ter de os suportar financeiramente aumenta os seus encargos.

"Isto coloca sob pressão os idosos como nós, porque é uma preocupação. As pessoas que têm filhos e famílias preocupam-se com eles. Temos as nossas próprias preocupações, o nosso dinheiro, preocupações, e depois preocupamo-nos com eles, porque ainda temos de os ajudar também." (UK, mulher, 64)

Existe alguma noção de que o actual clima económico, a perda de empregos e a falta de oportunidades de trabalho, bem como os custos crescentes do ensino superior, exacerbam a pressão exercida sobre os idosos para sustentarem as suas famílias, actualmente e no futuro. Este facto preocupa os inquiridos, uma vez que já se debatem com dificuldades para se sustentarem a si próprios e, se for caso disso, os seus parceiros (UK, ES, FR).

"A minha irmã mais nova tem uma filha deficiente. Recebe o subsídio por assistência prestada a pessoa dependente porque não pode ter um emprego por causa da filha. Mas o subsídio há anos que não é aumentado. Nem sequer chega ao nível do salário mínimo, e não é aumentado há 5 anos." (HU, mulher, 62)

3.3.5 Desemprego

O desemprego é um problema que afecta a vida dos pobres e socialmente excluídos, e alguns inquiridos perderam o emprego, especialmente em resultado da crise económica global (ES). Os pensionistas ou as pessoas que estão próximas da idade da reforma têm dificuldade em encontrar trabalho e, por conseguinte, não podem complementar os seus rendimentos (PL, FR).

3.3.6 Falta de apoio

Frequentemente, os pobres e socialmente excluídos vêem a sua situação agravar-se devido à ausência de uma rede social ou à falta de apoio familiar (ES).

3.3.7 Burocracia

Os inquiridos consideram que existe muita burocracia no procedimento para receber alguma forma de ajuda, que é por vezes um longo processo de formulários e de papéis que depois não produz resultados (MT).

3.4 Como a sociedade vê a pobreza e a exclusão social

Foi perguntado o que dizem os retratos veiculados pelos meios de comunicação social sobre a forma como a sociedade no seu conjunto vê as pessoas que vivem na

pobreza, de que factos deveria a sociedade estar ciente e qual seria o impacto de uma maior tomada de consciência da sociedade quanto a esses factos.

De um modo geral, os respondentes consideram que a **sociedade reflecte a abordagem dos meios de comunicação social** à representação das questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, na medida em que são largamente ignorados e a sua situação não é de todo ou correctamente compreendida e é encarada de uma forma excessivamente simplista (CZ, FR, EL, ES, UK, RO, PT, DE, SK, LV, BE).

"As pessoas acham que [a pobreza] não é um problema. Não tens dinheiro suficiente para uma televisão nova? Vai a um banco e eles dão-te um empréstimo! Estás desempregado? Vai tirar um curso de requalificação profissional! É tudo assim... nada é um problema. Tudo tem uma solução inteligente. Mas no mundo real, não é assim que funciona." (CZ, homem, 65)

Uma das inquiridas referiu que, muitas vezes, sente que as pessoas têm pena dela, mas não se sente compreendida (MT).

"Toda a gente tem pena de mim porque o meu filho entra e sai [de uma instituição psiquiátrica]. Mas sabe o que me disse a assistente social quando telefonei? Disse-me para fazer as malas e ir para um lar de terceira idade..." (MT, mulher, 67)

Pode existir no entendimento da pobreza por parte da sociedade uma tendência generalizada para as pessoas compararem os pobres dos seus países com o que sabem acerca dos pobres de outros países e, por conseguinte, para considerarem que os pobres de outros países se encontram numa situação mais desesperada (MT).

Os respondentes consideram que aqueles que não são pobres têm ideias erradas acerca da pobreza e associam-na a estereótipos e a casos extremos, embora exista uma diferença significativa entre aqueles que caem acidentalmente numa certa situação e aqueles que escolhem o seu destino devido às suas falhas e à sua personalidade. Ideias erradas como estas são utilizadas pelo observador passivo para justificar a inacção (HU, BE).

"Sem-abrigo ou vândalo, rebelde ou delinquente, não são a mesma coisa..." (HU, homem, 60)

A imagem que as pessoas têm da pobreza é fortemente influenciada por relatos veiculados pelos meios de comunicação social de esquemas engendrados para obter benefícios indevidos e de níveis de benefícios sociais excessivamente generosos que permitem aos beneficiários comprar equipamento electrónico oneroso, roupas na moda e apartamentos de grandes dimensões (DE).

A sociedade pode também não compreender e não considerar seriamente as questões relacionadas com a pobreza em resultado de esta estar frequentemente escondida e, por conseguinte, não ter de ser encarada pelas pessoas (DK).

"Ao longo da vida, ouvi muitas vezes a opinião de que os pobres podiam estar muito melhor se fizessem um esforço. Que só são pobres porque são preguiçosos. Acho que é uma opinião muito errada. Mas quando as pessoas têm vergonha da sua situação e não se fazem ouvir, esta opinião nunca muda." (DK, mulher, 73)

Os inquiridos expressaram **fortes sentimentos em relação à sua exclusão da sociedade**. Expressaram sentimentos de alienação da sociedade, de não serem valorizados, e consideraram que a sociedade não sabe o que fazer com os idosos nem que utilidade lhes dar (SK). Alguns inquiridos consideraram que os idosos constituem um fardo para a sociedade – não trabalham, não são produtivos, e a maioria sofre de doenças crónicas (SK). Contudo, os inquiridos sentem-se revoltados porque contribuíram toda a vida para a sociedade e, quando envelhecem, são considerados indignos de atenção (SE). De acordo com a experiência dos respondentes, a sociedade não é um lugar amistoso ou seguro para os idosos pobres e reformados viverem. Muitos não têm a quem recorrer, não têm ninguém que ajude a aliviar os seus encargos financeiros ou que ajude, de alguma outra forma, a aliviar a sua situação (SE).

"Querem que morramos de exaustão." (SK, mulher, 61)

"Quando tinha um bom rendimento, sentia que tinha valor. Inconscientemente, avaliamos o nosso próprio valor." (SE, homem, 63)

Contudo, o sentimento de vergonha da sua situação faz com que os pobres tenham tendência, muito frequentemente, para se excluírem da sociedade, porque sentem que não se podem permitir participar nas actividades sociais. Além disso, a exclusão auto-imposta pode tornar-se um círculo vicioso difícil de quebrar, dado que se torna cada vez mais difícil sair de casa. Em resultado, os pobres raramente são ouvidos, porque não erguem a voz (DK, SE, BE).

"Quanto mais nos isolamos, mais dificuldades temos em sair e em contactar com os outros. Começamos a falar sozinhos e perdemos a auto-estima. Torna-se um isolamento que não conseguimos gerir nem afastar... se não podemos sair e conhecer pessoas, a nossa voz não é ouvida. Não contactamos com ninguém, e os nossos problemas permanecem escondidos." (DK, homem, 67)

"Quando empobrecemos economicamente, ficamos mais pobres socialmente." (BE, mulher, 68)

Este facto está relacionado com a questão da falta de representação dos pobres e dos seus problemas, isto é, a "incapacidade de fazer ouvir a sua voz". Existem associações de reforma cuja principal missão é aumentar a influência dos idosos na sociedade e proporcionar um local de encontro para convívio, desenvolvimento pessoal, felicidade e saúde. Contudo, estas associações deveriam ser mais duras nas questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social (SE).

"Porque não são as associações de reforma mais duras na questão da pobreza e da exclusão social?" (SE, homem, 63)

Contudo, em nada ajuda se as pessoas se excluírem destas iniciativas não participando em eventos e em actividades porque não querem ter de explicar a sua situação de pobreza ou de exclusão social (SE).

Além disso, os inquiridos afirmam que existe **falta de empatia, de acção e de interesse da sociedade** quanto às questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, porque as pessoas parecem não se interessar por estas questões quando não são pessoalmente afectadas (ES, FR, EL, SK, PT, CZ, BE).

"Eles não precisam de se preocupar com isso; não querem ouvir falar disso; não precisam de saber disso. Porque se soubessem, teriam de fazer alguma coisa para resolver o problema, e isso ia sair-lhes do bolso." (CZ, homem, 60)

Alguns inquiridos consideram que não existe qualquer reconhecimento do papel que desempenharam na construção da sociedade ao longo dos anos e na criação das condições de que as novas gerações usufruem actualmente, como o ensino superior gratuito (HU).

"Dizem que muitos reformados têm de ser sustentados. Mas os reformados trabalhariam de bom grado, se tivessem oportunidade. E aqueles que agora se pavoneiam esquecem-se de que estudaram com o dinheiro dos reformados." (HU, mulher, 64)

Alguns inquiridos consideram que, em geral, a sociedade não quer abordar questões como a pobreza e a exclusão social, porque são questões de que as pessoas não gostam de ouvir falar (DK), embora a crise económica global tenha levado algumas pessoas a compreender que a pobreza pode atingir qualquer um (ES).

"Toda a gente adora séries como "Dinastia" ou "Dallas". Ninguém quer ver a vida de um grupo de pobres – a não ser que seja uma história sobre a concretização do sonho americano." (DK, homem, 71)

Para agravar a situação, alguns respondentes tinham tido conhecimento de casos em que pessoas que não necessitavam verdadeiramente de ajuda se aproveitaram de serviços oferecidos pelos centros comunitários apenas para não pagarem um serviço que podiam obter gratuitamente (DK).

"Pertenco a uma organização paroquial que distribui presentes de Natal todos os anos. A ideia é dar presentes aos pais solteiros que não têm dinheiro para comprar um presente de Natal para os filhos. Mas às vezes, vejo pessoas a estacionar os carros à entrada e a vir receber um presente. Quem tem dinheiro para ter um carro, tem dinheiro para comprar um presente de Natal para os filhos! É uma questão de estabelecer prioridades, e enquanto algumas pessoas se aproveitarem do sistema dessa maneira, a sociedade nunca respeitará o facto de existirem pessoas que são realmente pobres!" (DK, homem, 64)

"Aqueles que vêm receber os presentes de Natal e as refeições gratuitas são pessoas desavergonhadas que não precisam verdadeiramente de ajuda, enquanto aqueles que realmente precisam dela ficam em casa porque estão escondidos e já desistiram." (DK, mulher, 79)

Apenas uma minoria dos inquiridos **reconhece a possibilidade de existirem algumas pessoas na sociedade que compreendem a pobreza e a exclusão social** (RO). Por vezes, o conhecimento da situação ainda é acompanhado de indiferença (MT); outras vezes, os membros da sociedade ajudam-se mutuamente (LV).

Os inquiridos têm opiniões divergentes sobre a importância de as pessoas estarem mais informadas. Em certo sentido, os inquiridos consideram que é de certo modo inútil que as pessoas saibam mais sobre a pobreza, porque acreditam que aqueles que

se encontram numa boa situação financeira não se preocupam com aqueles que não conseguem ter uma vida condigna (MT).

Embora os inquiridos tenham expressado sentimentos de solidão e de exclusão, também citaram várias formas de viver com o facto de não poderem comprar as mesmas coisas que muitas outras pessoas compram, nomeadamente:

- recorrendo à ajuda da família e dos amigos: transporte, acesso à Internet (DK);
- frequentando o centro comunitário para procurar a companhia dos seus pares, participar em actividades e passar o tempo (DK);
- praticando actividades gratuitas ao ar livre: andar de bicicleta ou caminhar nos bosques (DK).

"Passo muito tempo sozinha por causa da minha saúde. Mas podia ser pior. Duas vezes por semana, vou até ao centro comunitário jogar às cartas e beber café. E os meus filhos também me visitam muitas vezes." (DK, mulher, 75)

"Já me senti frustrado, mas felizmente interesse-me muito por actividades ao ar livre e tenho amigos que partilham esse gosto. Se não tivesse isso, teria ficado gravemente deprimido e posso facilmente imaginar como se sentem aqueles que estão presos e abandonados como eu estive." (DK, homem, 65)

3.5 Aspectos em falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social

Foi perguntado aos inquiridos o que consideram estar mais claramente em falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social e, além disso, o que deveria um documentarista incluir num filme se pretendesse mostrar a realidade da pobreza e da exclusão social.

A maioria dos respondentes considera que o que falta no retrato da pobreza e da exclusão social veiculado pelos meios de comunicação social é **exemplos da vida real ou estudos de caso** de pessoas que vivem na pobreza e dos seus problemas reais do dia-a-dia. É isto que os inquiridos querem ver representado nos meios de comunicação social (RO, PT, ES, DE, HU, IE, PT, UK, CZ, IT, PL, LV, BE). Esta representação também ajudaria os membros da sociedade a compreenderem a realidade da pobreza e, conseqüentemente, a serem proactivos na procura de soluções para combater a pobreza (RO, PT, DE). Esta representação deve incluir os seguintes aspectos:

- Os inquiridos gostariam de ver uma cobertura jornalística que chame a atenção para as condições em que os pensionistas têm de viver. Esta cobertura deve fazer uma apresentação dos pensionistas e relatar como é a sua vida quotidiana, e fornecer aos políticos e ao público exemplos concretos convincentes da existência precária que os pensionistas vivem, nomeadamente, as condições de habitação e a degradação dos bairros, os escassos recursos financeiros, a sobrevivência com orçamentos reduzidos, as questões relacionadas com o envelhecimento, o elevado custo dos

serviços básicos, as rendas elevadas. Esta representação deve mostrar os pormenores das suas lutas diárias e das suas condições de vida, focando questões como os bairros em que residem, a forma como passam o tempo, a forma como gostariam de passar o tempo, a forma como enfrentam o isolamento e a solidão, a forma como fazem face à falta de dinheiro para comprar medicamentos, ter uma alimentação saudável e pagar as despesas, o que pensam sobre a falta de lares em boas condições para os pobres que não têm dinheiro para pagar os lares que oferecem boas condições (PT, DE, MT, CZ, IE, LV, ES, UK, IT, PL).

"Deviam ir às casas e ver... ver o aspecto da casa de banho... deviam investigar porque é que há pessoas que não têm electricidade em casa, porque é que não pagaram a conta." (MT, homem, 64)

"Deviam ir junto dos sem-abrigo e filmar as histórias deles – as pessoas ficariam a saber como é fácil acabar na rua. Até há licenciados a dormir nas ruas, e com certeza não acabaram sem abrigo só por causa de um único acto impensado." (CZ, homem, 64)

"A televisão não tem nada que ver com a vida do dia-a-dia." (PL, mulher, 60)

"Sabem o que sempre pensei? Em vez de todos estes reality shows horríveis que não dizem nada, deviam fazer um reality show sério sobre uma das nossas famílias normais, de manhã à noite, de noite até de manhã, durante um mês inteiro... para que as pessoas possam ver o que se passa na vida de todos os dias, e imensa gente conseguiria identificar-se com isso..." (IT, homem, 63)

- Devem ser debatidas as diferentes razões por que as pessoas caem na pobreza e permanecem na pobreza – por exemplo, as pensões baixas; a perda do emprego; as pessoas que, sem culpa própria e após uma vida de trabalho árduo, se vêem no limiar da pobreza; as pessoas que não querem poupar e viver modestamente com o dinheiro que têm; as lotarias e os jogos em que as pessoas gastam os seus poucos recursos; a crise económica global (CZ, PT, ES, SK, MT, DE, DK, ES, LV).

"Trabalhei toda a vida e acabei com uma pensão miserável; isto é um facto real." (PT, mulher, 72)

"Perder o emprego é um processo natural do empobrecimento... as pessoas recebem salários baixos e, em consequência, recebem pensões baixas e, assim, a pobreza instala-se." (SK, mulher, 70)

Na Eslováquia, os inquiridos mostraram-se bastante filosóficos acerca das razões por que as pessoas caem na pobreza e permanecem na pobreza. No seu contexto nacional, os eslovacos atribuem este facto, em certa medida, às diferenças entre a era socialista e a era democrática e ao modo como a primeira condicionou o comportamento das pessoas no presente. Por exemplo, enquanto toda a gente estava empregada na era socialista, agora as pessoas têm de procurar trabalho, o que requer uma mentalidade e competências diferentes. Além disso, as pessoas nem sempre defendem os seus direitos e dão a conhecer as suas necessidades porque não estão habituadas a fazê-lo, em resultado da supressão das opiniões pessoais na era socialista. Esta situação é exacerbada pela relutância das pessoas em procurar emprego, visto que recebem apoio financeiro do Estado.

Ao retratar as razões por que as pessoas ficam pobres, é também importante focar os grupos que se encontram em risco de cair na pobreza e de serem socialmente excluídos. Estes grupos incluem: os toxicodependentes e os alcoólicos, as famílias monoparentais com vários filhos, os idosos solteiros/viúvos que dependem das pensões pagas pelo Estado e pagam rendas elevadas, as pessoas que foram libertadas da cadeia após o cumprimento de uma pena, os desempregados que recebem o nível mais baixo de benefícios sociais, os imigrantes que recebem benefícios sociais reduzidos porque o Estado quer obrigá-los a aprender dinamarquês (DK, SK).

"Os pais solteiros são uns lutadores. Estive muito tempo sozinha com os meus três filhos. Todos queriam ter equipamento de futebol e muitas outras coisas, como tinham todos os seus amigos. Dei-lhes aquilo que pude, e hoje ainda estão vivos. Ah! Ah! Por isso, perguntem-lhes como foi a sua infância." (DK, mulher, 75).

"Também mostraria a realidade das famílias jovens. Por vezes, a mulher tem de interromper a licença de maternidade e regressar ao trabalho porque precisa de mais dinheiro, mas depois tem de pagar a uma ama, o que absorve quase todo o seu rendimento. E quando uma mulher está sozinha com uma criança, é uma catástrofe." (CZ, mulher, 64)

- Os meios de comunicação social têm de retratar os idosos pobres de modo mais geral e não apenas com casos extremos (SE, IE, PT, RO, IT).

"Os meios de comunicação social têm de retratar o vasto grupo de idosos pobres e reformados que podem não passar fome e ter dinheiro que chegue para pagar a renda, a alimentação e os medicamentos, como nós, que temos dinheiro para sobreviver, mas não mais do que isso." (SE, homem, 63)

"Só se fala dos idosos ocasionalmente; talvez no Inverno, quando um morre na rua devido ao frio... falam do vagabundo, uma pessoa que morreu de frio." (IT, homem, 66)

"As pessoas precisam de ver a maneira como os idosos sobrevivem com o dinheiro que têm... veriam como as pessoas lutam para poder pagar as receitas e coisas desse género." (IE, homem, 63)

"Deviam falar com os idosos para compreenderem como eles vivem, sozinhos, completamente isolados." (PT, mulher, 72)

"Deviam dizer-nos a verdade pura e dura. Meus senhores, a situação é esta, é muito grave. Que sejam correctos, por uma vez..." (RO, mulher, 67)

No que diz respeito ao modo como gostariam de ver a pobreza e a exclusão social representadas nos meios de comunicação social, os respondentes chamaram a atenção para os seguintes pontos:

- Os meios de comunicação social podem desempenhar um papel educativo através do fornecimento de informações aos pobres e socialmente excluídos sobre como receber ajuda financeira ou outro tipo de ajuda (PT, MT, IT, LV).

- Os pobres e socialmente excluídos devem ser representados como pessoas honestas e respeitáveis, apesar das dificuldades que enfrentam, em vez de serem representados com os estereótipos da preguiça, da relutância em trabalhar, etc. (HU, DE, CZ).
- Os meios de comunicação social devem retratar os diferentes tipos ou diferentes aspectos da pobreza. Isto inclui a pobreza visível, como os sem-abrigo; a pobreza escondida, como os reformados cujas despesas excedem os rendimentos; e aqueles que não querem trabalhar e não querem poupar dinheiro (SK, ES, MT).
- Os meios de comunicação social devem ter em conta e representar a natureza evolutiva da sociedade e, por conseguinte, a face evolutiva da pobreza. Por exemplo, quando países que poderão ter sido exemplares pela inexistência de pobreza e de exclusão social no passado enfrentam desafios económicos, a sociedade é afectada e, em resultado, algumas pessoas ficam pobres. A situação não permanece imutável (SE).
- Ao cobrir a indústria da moda, os meios de comunicação social também devem focar a moda relevante para os idosos. Contudo, os respondentes criticam a própria indústria da moda por apenas focar um pequeno número de idosos que têm dinheiro para comprar peças de vestuário caras, enquanto se torna cada vez mais difícil para eles encontrar roupa à medida das suas carteiras (SE).
- Deve haver uma maior cobertura jornalística da situação das mulheres com baixos rendimentos e do seu papel como donas de casa. Estas mulheres são afectadas pela pobreza de formas particulares, por exemplo, em resultado da morte do cônjuge ou de um divórcio, e frequentemente também suportam o encargo financeiro de cuidar de terceiros (SE).

"Seria uma boa ideia fazer um estudo sobre o número de pessoas que ficam pobres na Suécia. Penso que são maioritariamente as mulheres que foram casadas, mas que por qualquer motivo ficaram sozinhas, que são mais afectadas por dificuldades económicas." (SE, homem, 74)

- Alguns inquiridos gostariam de ver informação televisiva regular sobre a forma como os recursos orçamentais são despendidos pelo Governo (RO), bem como *talk-shows* ou debates em que os políticos são convidados a participar (IT).
- Alguns inquiridos gostariam de ver estudos de caso sobre o modo de vida em Estados-Membros da UE mais desenvolvidos. Estes inquiridos acreditam que, se tais exemplos fossem mostrados ao público, os políticos esforçar-se-iam mais por resolver a pobreza nacional e local e as pessoas tornar-se-iam mais exigentes e ficariam mais dispostas a defender os seus direitos (RO).

"Gostava de ver uma coisa... como é que as pessoas vivem noutros países. Talvez os nossos líderes vejam e se esforcem mais... Deviam mostrar-nos exemplos de todos os países da UE. Estamos numa época de globalização,

fazemos parte da UE, deviam mostrar-nos como se vive no estrangeiro e fazer comparações e tomar medidas..." (RO, mulher, 71)

Contudo, apesar de terem debatido o que consideram estar em falta no retrato veiculado pelos meios de comunicação social e o que gostariam de ver representado, alguns inquiridos pensam que **não é necessariamente realista esperar estas alterações**. Foram citadas as seguintes razões para este ponto de vista:

- Os idosos estão sub-representados nos meios de comunicação social. Os jovens podem ter opiniões incorrectas sobre os idosos e podem estar predispostos a excluir a cobertura dos problemas dos idosos. Para que a situação se altere, é necessário combater esta sub-representação (SE).

"Há poucas pessoas da nossa idade a trabalhar nos meios de comunicação social." (SE, homem, 64)

- As pessoas que não viveram as mesmas privações frequentemente têm dificuldade em compreender, em considerar seriamente e em representar as privações dos outros (MT).

"Da mesma maneira que você está a falar connosco e ouve falar de certos problemas, há pessoas que nos ouvem e não acreditam que as coisas são assim." (MT, homem, 64)

- Alguns inquiridos consideram que, mesmo se produtores de televisão ou de cinema focassem questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, seria improvável que as pessoas assistissem, uma vez que seria maçador ver programas sobre estas questões. Equilibrar a realidade e o entretenimento é, por conseguinte, importante e, embora cumpra realçar os elementos rotineiros que têm um impacto na vida das pessoas na comunicação das experiências das pessoas pobres ou em risco de pobreza, isso tem de ser feito de forma cativante e recreativa (IE, ES, LV).

"Se fosse real, seria maçador. Eles [argumentistas] têm de escrever sobre aventuras amorosas e alcoolismo e coisas desse género para ser interessante." (IE, mulher, 66)

- A complexidade e as diferentes dimensões da pobreza e da exclusão social dificultam a sua representação e, por conseguinte, dificultam a compreensão por parte da audiência, a não ser que sejam apresentadas sob a forma, por exemplo, de uma única pessoa ou família para manter um enredo restrito e cativante (DK).

"Julgo que é difícil cobrir todos os aspectos. Existem tantas perspectivas diferentes e razões diversas para se ser pobre. Penso que os espectadores têm dificuldade em absorver tudo e, por isso, é muito parcial." (DK, homem, 71)

Alguns respondentes consideram que a inércia dos pensionistas pode estar na base da sub-representação da sua situação nos meios de comunicação social. Os pensionistas evitam as atenções porque têm vergonha da sua situação, são estranhos a uma cultura de protesto e resignam-se às suas circunstâncias porque,

enquanto geração do pós-guerra, estão habituados a um modo de vida modesto (DE).

"Também penso que não queremos realmente aparecer lá porque temos vergonha de ter descido a um nível tão baixo, embora tenhamos trabalhado arduamente toda a vida." (DE, mulher, 66)

4 A COMPREENSÃO DAS QUESTÕES RELACIONADAS COM A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL

Foi perguntado aos inquiridos em que medida consideram que aqueles que tomam as decisões que afectam a sua vida (ou seja, os políticos e funcionários públicos locais, nacionais e europeus) compreendem a realidade das suas experiências. Foi também perguntado aos inquiridos qual é, no seu entender, o aspecto da sua vida que os decisores compreendem bem e quais são os domínios que os decisores compreendem menos bem.

4.1 Principais conclusões

- A opinião mais comum entre os inquiridos é a de que os decisores e os responsáveis políticos, quer a nível local, quer a nível nacional ou europeu, não compreendem muito bem as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social. A principal razão para esta falta de compreensão é o facto de os decisores viverem vidas privilegiadas, auferindo salários elevados e, por conseguinte, estarem isentos do risco de serem afectados pela pobreza ou de enfrentarem a exclusão social.
- Esta falta de compreensão é reflectida no modo como é prestada assistência aos necessitados, e os respondentes referiram exemplos da sua experiência pessoal.
- A **falta de compreensão** por parte dos decisores **não significa necessariamente que os decisores não tenham conhecimento dos problemas**. Contudo, os inquiridos consideram que existe uma falta de acção, de interesse e de empatia por parte dos decisores.
- Os inquiridos têm dificuldade em referir aspectos da sua vida que considerem que os **decisores compreendem bem**, mas deram o exemplo dos **dados**, nomeadamente das estatísticas, relativos ao número de idosos a viver na pobreza e aos montantes afectados às pensões sociais ou ao apoio social.
- Os inquiridos referiram uma série de diferentes questões que consideram ser menos bem compreendidas pelos decisores, sendo as mais notórias a falta de compreensão da realidade da vida dos pobres e socialmente excluídos e a falta de compreensão do pleno impacto das políticas existentes nos pobres e socialmente excluídos.
- Como os decisores têm pouca experiência prática com questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social e são pessoas ocupadas, nem sempre têm tempo para testemunhar os problemas em primeira mão. Por conseguinte, foi sugerido que os cidadãos socialmente excluídos ou as pessoas que vivem na pobreza actuem como **conselheiros** dos decisores para estas questões.

4.2 Até que ponto os decisores compreendem a pobreza e a exclusão social?

A **opinião mais comum** entre os inquiridos é a de que **os decisores e os responsáveis políticos**, quer a nível local, quer a nível nacional ou europeu, **não compreendem muito bem as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social** (UK, SK, RO, PT, MT, IE, DE, SE, CZ, EL, ES, LV, PL, FR, BE).

"Penso que eles não compreendem. Não compreendem, decididamente, coisas como a habitação." (UK, mulher, 69)

"Eles não compreendem de todo. Não fazem ideia." (SK, mulher, 61)

"Eles estão simplesmente demasiado afastados das pessoas comuns." (DE, mulher, 62)

"Um homem saciado nunca compreenderá um homem com fome." (PL, homem, 67)

"Eles não compreendem a realidade da vida de todos os dias e nem sequer se esforçam para compreender." (CZ, homem, 64)

"Não acontece nada porque, se lhes perguntarmos quanto custa um litro de leite, eles não sabem. Não estão a par dos preços. Não têm de ir às compras. Sabem que a pobreza existe, mas não sabem o que ela é. Há muita riqueza e também muita pobreza." (HU, homem, 60)

As **razões** avançadas pelos inquiridos **para esta falta de compreensão** dos decisores incluem:

- Os decisores e os responsáveis políticos vivem **vidas privilegiadas** e auferem rendimentos elevados e, por conseguinte, não têm experiência prática com a pobreza e a exclusão social e não estão em risco de ser por elas afectados (SE, SK, RO, PT, UK, MT, IE, HU, CZ, EL, IT, PL).

"Orban disse que iria acabar com as diferenças nos rendimentos. O que fez em primeiro lugar? Votou o salário dele (deles), e também não está preocupado com o que os pobres vão comer amanhã ou no Natal." (HU, mulher, 64)

"Eles estão bem. Por isso, pensam, "De que se queixam estas pessoas?" (CZ, homem, 60)

- A **falta de empatia** dos decisores (SE, IE, EL, ES). Esta percepção dos inquiridos assenta na ideia de que não existe uma responsabilização política ou jurídica das acções dos políticos. Esta falta de responsabilização percebida pelos inquiridos faz com que estes se sintam impotentes para corrigir o sistema (IE).

"Fico com a impressão de que os responsáveis políticos estão cientes da nossa situação, mas não se preocupam." (SE, mulher, reformada, 67)

"Somos apenas números para eles." (EL, mulher, 66)

Para alguns inquiridos, esta falta de empatia é ilustrada pelo facto de os decisores não os visitarem e não passaram tempo com eles para escutar as suas preocupações (EL).

"O meu vizinho sabe como vivo porque mora na porta ao lado. Os decisores não vieram ver e compreender a minha miséria." (EL, mulher, 62)

Uma pequena minoria dos inquiridos culpabiliza-se por não exercer pressão suficiente sobre os decisores através de uma maior chamada de atenção para a sua situação e de manifestações nas ruas (DE).

- A **diferença de idades entre os responsáveis políticos e os idosos** reformados faz com que a sua situação não seja plenamente compreendida (SE).
- Os políticos **não têm os conhecimentos especializados necessários** para tratar a pobreza e a exclusão social (IE).

"Você não enviava um dentista para um talho para ele lhe vender carne." (IE, homem, 71)

- Os decisores **não querem ver a realidade** da pobreza e da exclusão social para não terem de tomar medidas para combater a situação (BE).

Crê-se que a falta de compreensão dos decisores quanto à vida dos pobres se reflecte no modo como a ajuda é prestada e no modo como os decisores se relacionam com a pobreza e a exclusão social. Os inquiridos deram os seguintes exemplos de decisões que consideram inadequadas ou ineficazes ou de atitudes que, no seu entender, os decisores têm perante estas questões que ilustram a sua falta de compreensão:

- A pobreza e a exclusão social são questões realçadas durante as campanhas eleitorais, momento em que os decisores falam frequentemente da melhoria da situação dos pobres, dos idosos e dos reformados; porém, existe a percepção de que os decisores não cumprem as suas promessas após as eleições (SE, DK, ES, IT, LV, RO, FR).

"Eles não compreendem nada e não estão interessados. Só quando precisam dos nossos votos é que nos vêm dar um saco, um cabaz. Uma garrafa de óleo, uma embalagem de açúcar..." (RO, mulher, 71)

- Os cabazes de assistência não correspondem à realidade da sua vida quotidiana (MT, EL, BE) ou destinam-se a outros, como os jovens desempregados (BE).

"Levamos todos os papéis dos médicos, das assistentes sociais e tudo o mais... deviam atribuir-me uma casa sem escadas e atribuíram-me uma casa com três lanços de escadas." (MT, mulher, 64)

"Hoje em dia, os jovens recebem directamente subsídios de desemprego, mas nós temos de esperar." (BE, mulher, 68)

- Os responsáveis políticos não agem sempre no melhor interesse dos pobres, dos idosos e dos socialmente excluídos (SE).

"Penso que é uma estratégia deliberada dos responsáveis políticos; baixar deliberadamente o fundo do seguro de desemprego e todos os outros níveis de compensação, já que os responsáveis políticos lucram com as pessoas que trabalham e descontam para a segurança social." (SE, homem, 63)

- Alguns decisores têm atitudes arrogantes face aos pobres, que dizem ser preguiçosos e estar apenas à espera das ajudas pelo Estado (RO).
- A idade da reforma foi aumentada, o que significa que as pessoas têm de trabalhar mais tempo (EL).

"Aumentaram a idade da reforma. Estou muito farto disto tudo, não posso trabalhar até morrer." (EL, homem, 60)

- Os idosos pagam impostos elevados (IT).

Apesar desta falta de compreensão percepcionada entre os decisores, os inquiridos de uma série de diferentes países focaram um ponto importante: a falta de compreensão não significa que os decisores não estejam **cientes** dos problemas. Contudo, os inquiridos consideram que existe uma falta de acção, de interesse e de empatia por parte dos decisores (SE, UK, RO, HU, DE, MT, IT).

"Eles não querem saber, ignoram os necessitados. Eles só dão a si próprios e aos que os rodeiam. Quem se interessa no Parlamento pela forma como vivo? O deputado não está interessado, embora viva na porta ao lado. O principal é que possa viver bem e sentar-se no seu Mercedes." (HU, mulher, 64)

"Eles compreendem-nos nesse momento, e fingem ajudar-nos, mas depois acaba tudo. Como aconteceu no meu caso, pago uma renda de 100 libras por mês há três anos... quando as eleições se aproximam, fazem-se muitas promessas... e depois não me deram nada." (MT, homem, 61)

Nos casos em que os inquiridos se recordam de exemplos de situações em que os decisores compreenderam a pobreza e tomaram medidas para a solucionar, consideram que isso foi feito apenas para promover a imagem política dos decisores, uma vez que os meios de comunicação social são frequentemente chamados para cobrir o evento (RO).

"Existem alguns casos... quando tivemos inundações, alguns [decisores] foram até lá e ajudaram... mas chamaram os meios de comunicação social, angariaram dinheiro de patrocinadores, sempre o seu próprio interesse..." (RO, mulher, 67)

Muitos consideram que o que falta entre os decisores que têm alguma compreensão da pobreza e da exclusão social é tomarem medidas para combater a pobreza e a exclusão social. É dedicado demasiado tempo ao debate (UK, DK).

"[Os decisores] estão tão ocupados a sentar-se à mesa para debater isto e aquilo, que têm depois de realizar outra reunião para debater o que debateram na primeira reunião, mas na realidade não fazem nada." (UK, mulher, 69)

Contudo, existe algum reconhecimento de que estes problemas podem ser difíceis de resolver, uma vez que estão associados a questões sociais e políticas de grande envergadura, como a integração social e os crescentes níveis de desemprego (DK).

De um modo geral, os respondentes não estabelecem uma distinção entre os decisores a nível local, a nível nacional e a nível europeu. Cada um destes níveis é considerado responsável por tratar de questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social (UK). Contudo, nos casos em que os inquiridos referiram estes grupos separadamente, foram manifestadas as seguintes opiniões:

- **Decisores a nível local:**
 - Os políticos locais são vistos como estando mais em contacto com a realidade, uma vez que residem nas mesmas zonas que os cidadãos e estão mais perto destes, enquanto os membros do parlamento nacional estão demasiado distanciados para compreenderem verdadeiramente as questões que afectam a vida dos inquiridos (DK).
- **Decisores a nível nacional:**
 - O governo nacional é habitualmente culpabilizado por não serem tomadas medidas suficientes em relação às questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social (UK, PL, DK, BE).

"Existe uma distância demasiado grande entre os cidadãos e os responsáveis políticos. Eles já não vivem no nosso bairro, por isso, já não se sentem responsáveis. Agem como se fosse um emprego das nove às cinco e vão para casa satisfeitos todos os dias. Não são confrontados com as consequências das suas decisões." (DK, mulher, 73)

- Em geral, os respondentes consideram que os políticos demonstram falta de responsabilidade pessoal e despendem tempo com questões socialmente pouco importantes, em vez de se concentrarem na pobreza e na exclusão social (PL, IT).
- Existe a percepção de que os políticos a nível nacional tendem a esconder ou a encobrir os problemas da pobreza nos seus países, a fim de salvaguardarem a sua imagem no estrangeiro e mesmo a nível interno (ES).
- Alguns consideram que os políticos a nível nacional não conseguem tomar medidas para aliviar a pobreza devido a obstáculos que estão fora do seu controlo (ES).

"Os políticos nunca fazem nada a este respeito. E não interessa quem governa. Qualquer político que chegue ao poder encontrará obstáculos vindos dos fornecedores de capital, dos bancos, dos empregadores, de Bruxelas, das

normas da UE. Nenhum político pode dizer que vai fazer alguma coisa..." (ES, homem, 63)

- **Decisores a nível europeu:**

- Um inquirido acredita que existe um nível mais elevado de corrupção entre os políticos que estão envolvidos na União Europeia (MT).
- Outra opinião é a de que os decisores mais poderosos são os países mais ricos da UE, os quais, forçosamente, exercerão pressão e tomarão decisões com base nos seus melhores interesses e não se preocuparão necessariamente com questões prementes noutros países, como a pobreza e a exclusão social (ES).
- Alguns inquiridos consideram que os decisores da UE desconhecem por completo os problemas que os idosos pobres enfrentam porque estão fisicamente distanciados das situações (CZ).

"Em Bruxelas, não conhecem os problemas quotidianos dos Estados individuais e dos seus cidadãos. Os problemas do nosso país certamente não chegam lá através dos políticos que supostamente nos representam!" (CZ, mulher, 62)

- Pensa-se que os representantes nacionais no Parlamento Europeu tratam principalmente os problemas de outros países ou continentes (como África), em vez de questões de interesse nacional (LV).
- A UE não é percebida como um actor na linha da frente do combate contra a pobreza e a exclusão social, nem se espera que o seja (FR).
- Os inquiridos acreditam e esperam que as acções empreendidas a nível europeu para combater a pobreza e a exclusão social sejam mais eficazes do que as acções empreendidas a nível nacional e local. Várias razões foram apontadas para esta opinião, incluindo-se entre elas: a pobreza é um problema crescente em toda a Europa, o que exige uma gestão a um nível (europeu) mais amplo; a migração de Estados-Membros mais novos para Estados-Membros mais antigos contribui para níveis crescentes de pobreza nos antigos Estados-Membros da UE, e os migrantes beneficiam, pelo menos, do mesmo nível de assistência social que os locais (BE).

Para os inquiridos da República Checa e da Letónia, são o pessoal administrativo e os burocratas a nível local que não demonstram qualquer compreensão da sua situação e que se afiguram particularmente indiferentes. Os inquiridos referiram vários exemplos da sua experiência pessoal:

"Estou a aguardar uma operação à coluna e, até ser operado, não posso andar. Pedi uma pensão de invalidez, mas decretaram que só estava ligeiramente incapacitado, por isso, recorri contra essa decisão... fui ao Ministério dos Assuntos Sociais, e finalmente reconheceram a minha invalidez total. Voltei ao centro de atendimento local três semanas depois com todos os documentos, mas a senhora que lá trabalha disse que não tinha papéis nenhuns sobre o meu caso... que acabou no gabinete do

Presidente da Câmara – e ele finalmente ajudou-me. É assim que tratam as pessoas." (CZ, homem, 64)

"Eles [funcionários do município] até nos chamam nomes por termos entrado no serviço social." (LV, homem, 60)

4.3 Questões consideradas bem compreendidas

De um modo geral, os inquiridos tiveram dificuldade em identificar aspectos da sua vida ou da vida de outras pessoas que vivem na pobreza e exclusão social que considerem ser bem compreendidos pelos decisores.

Entre as questões que, no entender dos inquiridos, preocupam os decisores e são bem compreendidas por estes, contam-se:

- **Os dados**, nomeadamente as estatísticas, **relativos ao número de idosos a viver na pobreza** e aos montantes afectados às pensões sociais ou ao apoio social. Contudo, isto não significa que a realidade da vida dos pobres seja compreendida (PT, HU, BE).

"Penso que não há nenhum aspecto da minha vida que eles compreendam, o que eles podem saber é o valor da minha pensão." (PT, homem, 67)

- Existe **algum reconhecimento das acções que os governos estão a empreender para ajudar a combater a pobreza** (DK, DE), como a prestação de apoio a diversos clubes para que as crianças mais desfavorecidas possam praticar futebol gratuitamente. O governo também apoia centros comunitários para que os idosos com baixos rendimentos tenham um local para confraternizar com os seus pares (DK).

4.4 Questões consideradas mal compreendidas

Os inquiridos consideram que as seguintes questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social ou os seguintes aspectos da sua vida não são bem compreendidos pelos decisores:

- **A realidade da vida dos pobres e socialmente excluídos** (PT, MT, IE, EL, ES, LV, DK, CZ).

Alguns inquiridos consideram que os decisores não compreendem as particularidades da sua vida e o que lhes causa sofrimento, como viver com pensões baixas, enfrentar problemas com as condições de vida e o seu meio envolvente, a dificuldade em encontrar emprego, a dificuldade em custear necessidades básicas e medicamentos, longas filas ou longos períodos de espera para receber cuidados médicos, a necessidade de lares em boas condições, etc. (PT, MT, IE, CZ, EL, ES).

"A minha pensão é de 245 euros. Há dias, comprei um medicamento e paguei 8 euros e 89 cêntimos; antes era de graça. Como é que posso comprar medicamentos? Será que eles compreendem? Não, não compreendem." (PT, mulher, 72)

"Eu dava-lhes a minha pensão e dizia-lhes: "Vá, vivam com as 800 coroas que me restam depois de pagar a renda e as contas". Eles que vivam com esse dinheiro." (CZ, homem, 65)

Alguns inquiridos consideram que falta uma definição comum de pobreza, tal como falta reconhecimento da sua existência. Isto significa que os problemas permanecem escondidos e não são debatidos (DK).

"Parece haver a opinião de que não existe pobreza na Dinamarca. Mas isso está errado, ela existe. E se a pobreza nem sequer é reconhecida, as coisas nunca melhorarão." (DK, mulher, 77)

É considerado que os decisores não compreendem o impacto que a ausência de um nível de vida condigno tem no bem-estar e no sentido de desígnio dos inquiridos (EL, LV).

"Eles não compreendem que não temos momentos de prazer porque não vamos comer fora nem tomar um copo há imenso tempo. Infelizmente, só se vive uma vez, e é triste compreender que isto é o melhor que podemos ter..." (EL, mulher, 66)

- **O pleno impacto das políticas existentes** nos pobres e socialmente excluídos (RO, PT, HU, SE, BE).

O impacto que os elevados impostos sobre os alimentos e os medicamentos têm nos pobres, a curta licença de maternidade imposta às mães e o efeito da burocracia (morosidade dos processos) na eficaz aplicação das normas relativas à pobreza não são plenamente compreendidos (RO, PT, HU). É também considerado que os políticos legislam cegamente, sem ter em conta os problemas específicos dos pobres e o impacto da legislação (PT).

"Fui ao banco levantar a minha pensão e a conta tinha sido cancelada porque devo alguns impostos. Tenho de pagar 15 euros num centro para comer, e agora não posso comer porque não tenho dinheiro. Eles não pensam neste tipo de situações quando fazem estas leis." (PT, homem, 74)

Os respondentes da Suécia estão particularmente preocupados com a gestão descentralizada da pobreza e da exclusão social, dado que grande parte da responsabilidade cabe aos municípios, o que, segundo os inquiridos, resulta na atribuição de uma atenção desigual a estas questões e gera alguma confusão entre eles, uma vez que nem sempre sabem quais são os seus direitos e os seus deveres (SE).

- **A definição de prioridades no que diz respeito às despesas** (UK, MT, DK).

Os inquiridos consideram que os decisores não sabem priorizar correctamente as despesas. Isto aplica-se não só às despesas sociais inscritas nos orçamentos nacionais e europeu, mas também à desigualdade na sociedade em termos gerais – isto é, diz-se que não há dinheiro suficiente para combater a pobreza e a exclusão social, mas, simultaneamente, parece haver dinheiro suficiente para os políticos fortalecerem a sua situação financeira (UK, MT).

"Eles parecem não dar prioridade, na minha opinião, ao que está certo, àquilo em que o dinheiro devia ser gasto. É por isso que penso que não compreendem suficientemente." (UK, mulher, 67)

Além disso, algumas estruturas ou organizações que apoiam os pobres e socialmente excluídos, como centros comunitários e centros de emprego, dispõem de recursos financeiros insuficientes, o que resulta na descontinuidade da assistência prestada aos necessitados (DK).

"Os assistentes sociais estão sempre a mudar e não há transmissão de conhecimentos, os papéis desaparecem, etc... Mas é isso que acontece quando não lhes dão os recursos de que precisam para fazer a diferença..." (DK, homem, 67)

- **A necessidade de agir** (UK, IE, LV, FR).

Além de os decisores escutarem os pobres e socialmente excluídos ou terem alguma compreensão da sua situação, é também imperativo que sejam empreendidas acções para dar seguimento às decisões (UK, IE, LV).

Importa que as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social sejam combatidas a todo o momento – alguns inquiridos consideram que estas questões são relegadas para segundo plano em períodos de recessão, altura em que a prioridade é atribuída às questões relacionadas com as empresas e a indústria, ou quando os decisores necessitam de proceder a cortes orçamentais (UK, IE, LV).

- **A natureza individualizada e evolutiva da pobreza** e da exclusão social (SE, DK, BE).

Segundo os inquiridos, deve reconhecer-se que países que anteriormente se encontravam numa situação económica favorável actualmente têm pessoas em situação de pobreza e exclusão social, dado que a situação económica global, nacional e pessoal é mutável (SE). Além disso, uma vez que as necessidades das pessoas são muito diversas, é necessário uma assistência mais individualizada e flexível (DK).

"Durante muitos anos, o dinheiro que gastei na lavandaria foi reembolsado mensalmente pelo Estado. Com três rapazes a viver em casa, é fácil perceber que isso vai somando muito dinheiro ao longo dos anos. Foi um acto tão irreflectido. Se me tivessem simplesmente dado uma máquina de lavar roupa, não teria tido de deixar os meus filhos sozinhos dois serões por semana para ir à lavandaria ao fundo da rua. No fim de contas, o Estado pagou muito mais pela lavagem da minha roupa na lavandaria, porque eu tinha três rapazes! Tanto tempo desperdiçado na lavandaria, tempo que podia ter passado com os meus filhos." (DK, mulher, 75)

Deve considerar-se o indivíduo como um todo e não a idade biológica, e os decisores devem analisar a capacidade das pessoas para desempenhar várias tarefas, em vez de estabelecer uma idade mínima de reforma (SE). Além disso, a introdução de critérios muito rigorosos para determinar quem é elegível para beneficiar de ajuda social pode excluir pessoas que se

encontrem em situações extremamente inseguras que resultarão no seu empobrecimento a curto prazo (BE).

- **A importância dos canais de comunicação claros** que têm de existir entre os políticos a todos os níveis, os funcionários do sistema de assistência social e as pessoas necessitadas para que estas recebam assistência adequada e as suas opiniões sejam ouvidas (DK).

4.5 Como melhorar a compreensão

Alguns inquiridos deram sugestões a respeito da forma como os decisores podem melhorar a sua compreensão da vida daqueles que enfrentam a pobreza e a exclusão social.

É considerado que os decisores têm pouca experiência prática com questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social e, como são pessoas ocupadas, nem sempre têm tempo para observar directamente os problemas. Por conseguinte, os respondentes sugeriram que **os cidadãos socialmente excluídos ou as pessoas que vivem na pobreza actuem como conselheiros dos decisores** para estas questões (UK, IT).

"Deviam pôr alguns pobres que saibam fazer-se ouvir nessas reuniões, porque as pessoas que estão a governar o país não sabem como é... Não estão a sofrer como nós." (UK, mulher, 69)

Alguns inquiridos consideram que os responsáveis políticos têm de assumir uma maior responsabilidade pela compreensão destas questões colocando-se no lugar daqueles que são pobres, que estão sozinhos, que vivem com baixos rendimentos e na pobreza e, subseqüentemente, comunicando as suas experiências através dos meios de comunicação social (SE).

Por último, é considerado que os organismos da administração local devem ter uma maior consciência da pobreza e da exclusão social nas suas localidades e devem estabelecer um maior contacto com a população local, a fim de aumentarem a sua compreensão (PT).

"Os políticos locais deviam estar mais em contacto com os habitantes da sua área para poderem conhecer melhor as situações concretas." (PT, mulher, 66)

5 POLÍTICA

O presente capítulo apresenta as opiniões e as prioridades específicas dos inquiridos no que diz respeito às acções que gostariam que os responsáveis políticos empreendessem para combater as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social.

5.1 Principais conclusões

- **Em geral, os inquiridos não estavam muito cientes das políticas da UE para combater a pobreza**, mas supunham que as questões relacionadas com a pobreza constassem da agenda da UE a um nível mais geral. Consequentemente, os inquiridos puderam dar apenas alguns exemplos de políticas ou de intervenções da UE de que tivessem conhecimento ou pelas quais tivessem sido afectados.
- Os inquiridos forneceram uma série de ideias sobre o que a UE deve fazer para combater a pobreza. As duas ideias que mais se destacam são o **combate ao desemprego** e a resolução de problemas relacionados com **as condições de vida e os bairros**. Seguem-se o **aumento das pensões**, a melhoria do acesso aos **cuidados de saúde** e da acessibilidade destes, a prestação de assistência social aos necessitados e a comunicação com os pobres e socialmente excluídos para determinar quais são as suas preocupações.
- Resulta claro das respostas que tais intervenções não só melhorariam a qualidade de vida dos inquiridos a nível material, como também teriam benefícios psicológicos, como a restauração da dignidade, uma vez que a pobreza ainda é vista como vergonhosa ou embaraçosa, ajudariam os idosos pobres e socialmente excluídos a serem mais activos (por exemplo, através do emprego) e, desse modo, a combaterem a solidão, e ajudariam a combater possíveis sentimentos de instabilidade e de medo em relação ao futuro.
- Nas suas mensagens fundamentais para os responsáveis políticos da UE e na identificação daquele que é o domínio mais importante que os responsáveis políticos devem abordar, os inquiridos reiteraram vários aspectos, como o combate ao desemprego, a concentração das atenções na economia e na infra-estrutura (cuidados de saúde e habitação) e a auscultação dos idosos pobres ou socialmente excluídos. Mais uma vez, foram referidas intervenções que não apenas proveriam às necessidades materiais dos idosos pobres ou socialmente excluídos, como também lhes confeririam um **sentido de utilidade e de desígnio**, por exemplo, a participação em actividades culturais ou a transmissão das suas competências profissionais a gerações mais novas.

5.2 O conhecimento da política da UE de combate à pobreza

Em geral, os inquiridos não estavam muito cientes das políticas da UE para combater a pobreza (PL, ES, PT, RO, SK, UK, DK, HU, IE, LV, IT, EL, CZ, FR, BE), mas supunham que as questões relacionadas com a pobreza constassem da

agenda da UE a um nível mais geral (SK, UK, IT). Não havia conhecimento de que 2010 tinha sido o ano do combate à pobreza e à exclusão social (UK, HU).

"Até agora, não ouvi falar de nenhuma acção." (PT, homem, 67)

Contudo, os inquiridos deram **alguns exemplos de políticas ou de intervenções da UE** de que estavam cientes ou pelas quais tinham sido afectados.

- Alguns inquiridos malteses recebem, por vezes, alimentos através de um programa financiado pela UE. O programa é considerado bom, embora os inquiridos achem que recebem poucos alimentos e que o que recebem nem sempre corresponde às suas necessidades. Alguns inquiridos ouviram falar do programa através de outras pessoas, enquanto outros inquiridos tomaram conhecimento do programa através do Governo (MT).
- Existia algum conhecimento do envolvimento da UE em iniciativas para combater a pobreza a nível nacional.

"Foram construídos alguns orfanatos para as crianças que vivem na rua... foram pagos com fundos da UE. Podíamos beneficiar muito com estes fundos da UE, mas não sabemos como lhes aceder..." (RO, homem, 61)

- Existia algum conhecimento do envolvimento da UE em iniciativas para combater a pobreza em países terceiros, nomeadamente em África (LV).
- As contribuições da UE para a infra-estrutura irlandesa na segunda metade do século passado foram citadas como prova do apoio directo prestado ao Estado, enquanto o apoio financeiro prestado à Irlanda pela UE e pelo FMI foi referido como um exemplo de ajuda indirecta aos mais desfavorecidos (IE).
- Apenas num caso os inquiridos referiram exemplos de iniciativas da UE no domínio da exclusão social. Os inquiridos tinham conhecimento do papel das instituições europeias, incluindo dos tribunais, na promoção da igualdade entre os cidadãos irlandeses, como, por exemplo, nos domínios da homossexualidade e do divórcio (IE). O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem foi citado por respondentes checos como um exemplo de ajuda prestada ao cidadão comum.
- Uma pessoa referiu que os fundos de coesão da UE para os Estados-Membros contêm uma parcela especificamente destinada ao combate à pobreza (ES).
- Os subsídios da UE podem ter um impacto indirecto nos pobres (CZ).

"Damos 10 mil milhões, sim, mas recebemos 70 mil milhões porque somos um país pobre. Isso significa que nos ajudam, feitas as contas." (CZ, homem, 65)

- Por último, um inquirido recordava-se de um exemplo vago de uma intervenção da UE para combater a pobreza, mas não se lembrava dos pormenores (PT).

"Ouvi qualquer coisa acerca de um projecto da UE para combater a pobreza que começava em Março de 2008." (PT, homem, 67)

A falta de conhecimento não impediu os inquiridos de **reagirem positivamente ao envolvimento da UE** na tomada de medidas para combater a pobreza e a exclusão social. Em comparação com os governos nacionais, é considerado que a UE atribui uma maior atenção aos mais desfavorecidos, ao disponibilizar fundos para este grupo (PT, IT), e é mais digna de confiança (IT).

"Penso que deviam desenvolver acções." (PT, mulher, 66)

Contudo, inquiridos de vários países manifestaram **reservas quanto ao envolvimento da UE** em questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social. Estas reservas têm que ver com a capacidade da UE para compreender ou para conhecer a vida quotidiana dos cidadãos comuns, uma vez que é percebida como estando distante destes desafios (mais ainda do que os governos nacionais que já são criticados pelos inquiridos (DE)) e como estando preocupada com questões transnacionais e não locais (SK, DK, IT).

"Deviam informar-nos acerca do que fazem e daquilo que fazem pela Eslováquia." (SK, mulher, 70)

Existe alguma percepção de que a UE é mais perita em ajudar grupos de interesse específicos e, por conseguinte, surgiu a questão do que pode a UE realmente fazer pelo indivíduo (IE).

"Nada. Não podem fazer nada por nós a não ser que estejamos inseridos num grupo." (IE, mulher, 63)

Contudo, existe algum reconhecimento da tarefa difícil com que a UE está confrontada, especificamente no que diz respeito à obtenção de um acordo relativo a uma definição de pobreza, uma vez que é um conceito difícil (DK).

"A pobreza não é necessariamente igual em todos os países. Tudo é relativo, por isso, é difícil determinar os esforços necessários à escala europeia. Em alguns países, há pessoas a viver em edifícios declarados inabitáveis sem aquecimento ou seja o que for. Eu tenho aquecimento instalado e utilizo-o, mas não tenho dinheiro para aquecer muito a casa e certamente não tanto como gostaria. E receio a conta do aquecimento sempre que ela chega à caixa do correio – então, não serei pobre?" (DK, homem, 67)

5.3 O que a UE deve fazer para combater a pobreza

Os respondentes fizeram uma série de sugestões acerca do que, na sua opinião, a UE deve fazer para combater a pobreza e a exclusão social. Estas ideias são apresentadas no quadro em baixo, começando pelas que reúnem um maior consenso. Contudo, uma pequena minoria dos inquiridos não fez sugestões, uma vez que considera que as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social são principalmente da responsabilidade dos governos nacionais (DK). Existe também alguma preocupação com a possibilidade de tais intervenções interferirem com a soberania dos Estados-Membros e de os seus benefícios se perderem durante a execução devido à burocracia envolvida (CZ). Além disso, uma pequena minoria dos inquiridos da Grécia mostrou-se revoltada com o governo nacional e

com a UE e afirmou que tudo o que pretende destes é uma pensão condigna e uma habitação em boas condições.

O QUE A UE DEVE FAZER PARA COMBATER A POBREZA		
Domínio a tratar	Sugestões	Inquiridos de:
Emprego	<p>Aumentar o salário mínimo e os salários baixos.</p> <p>Criar melhores condições legislativas e fiscais para a obtenção de rendimentos suplementares.</p> <p>Criar mais empregos através da simplificação dos procedimentos de acesso aos fundos da UE.</p> <p>Combater a discriminação etária dos idosos no emprego.</p> <p><i>"Os responsáveis políticos deviam legislar melhor no que diz respeito à discriminação etária no trabalho... os responsáveis políticos deviam combater a atitude dos empregadores contra os idosos no mercado de trabalho. Os empregadores parecem pensar que, por termos 60 anos, não compreendemos nada ou somos lentos, algo com que não me identifico." (SE, mulher, 62)</i></p> <p>Apoiar as pequenas e médias empresas.</p> <p>Investir mais recursos nos idosos com dislexia e nas pessoas portadoras de deficiência que pretendam e tenham capacidade para trabalhar.</p> <p>A nível macro, ajudar na criação de emprego.</p> <p><i>"Não há trabalho. E não quero subsídios... o que precisamos é de trabalho..." (IT, homem, 63)</i></p>	PT, DE, RO, SE, IE, SK, MT, UK, HU, IT, ES, LV, EL, DK, DE
Zonas habitacionais e condições de vida	<p>Melhorar as condições de vida dos pobres, uma vez que estes se sentem sozinhos, amedrontados e inseguros.</p> <p>Maior segurança para as hipotecas na eventualidade de surgirem problemas económicos e risco de as pessoas perderem a casa devido ao não pagamento da hipoteca.</p>	SE, IT, ES, EL, PT, UK, IE, DK, HU, RO, UK, MT, DE
Aumento das pensões	<p>Elevar as pensões a um nível que reconheça devidamente o trabalho realizado ao longo da vida e permita viver uma vida condigna.</p> <p><i>"Em princípio, as pensões deviam assentar numa base diferente. Todas as pessoas que trabalharam durante 40 anos têm direito a uma pensão, independentemente da sua idade." (DE, homem, 63)</i></p> <p><i>"A minha pensão de 246 euros devia ser elevada ao nível do salário mínimo, é tudo o que peço." (PT, homem, 67)</i></p> <p>Eliminar os impostos sobre as pensões, uma vez que estes são desproporcionados em relação ao rendimento recebido pelos pensionistas.</p> <p>Reconhecer que a pobreza pode afectar os homens e as mulheres de forma diferente devido aos papéis atribuídos ou presumidos dos géneros (por exemplo, as mulheres frequentemente suportam sozinhas o encargo de cuidar dos filhos ou de outros familiares com pensões muito baixas).</p>	DE, PT, SK, SE, PL, IT, EL, CZ, FR, BE

	Tomar consciência das discrepâncias entre as pensões e o custo de vida.	
Cuidados de saúde	<p>Investir nos cuidados de saúde para reduzir as listas de espera, aumentar a acessibilidade dos serviços e dos medicamentos, reduzir as taxas moderadoras para os idosos e aumentar a eficácia e a eficiência dos serviços. <i>"Os cuidados de saúde consomem a pensão inteira."</i> <i>(SK, mulher, 63)</i></p> <p>Prestar apoio financeiro àqueles que cuidam de familiares doentes.</p> <p>Melhorar os serviços nos lares de terceira idade, por exemplo, através da colocação de um geriatra, a fim de reduzir as visitas a diferentes médicos e hospitais.</p>	SE, SK, DE, IE, RO, PL, UK, ES, FR
Comunicação com os pobres e socialmente excluídos	<p>Consultar pessoas que vivem na pobreza sobre questões e estratégias para combater a pobreza, uma vez que estas pessoas estão mais bem posicionadas para aconselhar sobre o funcionamento das políticas. <i>"Consultar as pessoas que estão efectivamente no limiar da pobreza quando fazem as políticas..." (UK, mulher, 64)</i></p> <p>Escutar os pensionistas e os seus problemas e encarar com seriedade as suas preocupações. <i>"Ouvir. Eles precisam de ouvir em vez de se limitarem a atirar-nos areia para os olhos." (IE, mulher, 63)</i></p> <p>No entender dos inquiridos, os responsáveis políticos devem colocar-se no lugar de uma pessoa que vive no limiar da pobreza, e alguns inquiridos sugeriram mesmo que os responsáveis políticos devem, durante um período de tempo, receber apenas o subsídio de desemprego, a pensão de reforma ou o salário mínimo para compreenderem plenamente como é a vida de quem tenta sobreviver com estes rendimentos. Uma solução mais viável seria que os responsáveis políticos fossem vistos na comunidade, não a fazer campanha, mas sim a participar em actividades comunitárias, lideradas pelos próprios ou por trabalhadores da comunidade. <i>"Dir-lhes-ia para fazerem o seguinte: durante uma semana apenas, vivam connosco para compreenderem." (EL, mulher, 63)</i></p> <p>Os decisores devem informar de forma clara as pessoas afectadas pelas suas decisões. <i>"Dizer a verdade... e em linguagem corrente, para todos podermos compreender." (IE, homem, 71)</i></p>	UK, DE, SE, IE, ES, EL, LV
Assistência social	<p>Prestar assistência social suficiente aos que dela necessitam, como os pais com filhos portadores de deficiência, a fim de poderem viver uma vida confortável.</p> <p>Disponibilizar um lar a quem não tem dinheiro para pagar – o lar deve ser gratuito e ter boas condições. <i>"Lares com boas condições, não aqueles [que estão] muito mal cuidados." (PT, mulher, 72)</i></p> <p>Encontrar soluções para as pessoas que não têm uma habitação condigna.</p> <p>Facilitar a sobrevivência financeira dos reformados</p>	MT, PT, RO, SE, CZ, UK, ES

	<p>solteiros ou divorciados, uma vez que estes não têm o apoio financeiro, ou outro tipo de apoio, do parceiro.</p> <p>Definir um nível de pobreza abaixo do qual o Estado é obrigado a prestar ajuda.</p>	
Relação entre a UE e os Estados-Membros	<p>A UE deve supervisionar os Estados-Membros, velando por que os direitos dos cidadãos sejam respeitados, especialmente os direitos dos trabalhadores, e pelo seu tratamento equitativo.</p> <p>A UE deve supervisionar a gestão das economias e disponibilizar os seus conhecimentos especializados aos Estados-Membros. A UE deve também ajudar à retoma económica e fiscalizar a utilização dada aos seus fundos a nível nacional.</p> <p><i>"Os funcionários da UE deviam ter um controlo pormenorizado do que o governo faz com o dinheiro da UE." (PL, homem, 67)</i></p> <p>Impor exigências mais moderadas aos Estados-Membros, uma vez que exigências muito rigorosas podem absorver fundos destinados aos pobres (por exemplo, os requisitos ambientais que os países têm de respeitar e cuja aplicação é onerosa).</p>	HU, IE, SK, PL, PT, EL, CZ
Redistribuição da riqueza e economia	<p>Facilitar uma repartição mais equitativa da riqueza através da redução dos salários dos ricos e da repartição do dinheiro remanescente pelos mais necessitados.</p> <p><i>"Diria aos políticos que a diferença entre os ordenados das actividades profissionais – que atingem níveis astronómicos – e os ordenados miseráveis que tornam impossível viver tem de ser eliminada. Devia haver um equilíbrio justo." (IT, homem, 68)</i></p> <p>Investir em infra-estruturas e em actividades que ajudem a prevenir a pobreza actuando como fonte de emprego, como, por exemplo, a agricultura.</p> <p>Promover o investimento directo nos países mais pobres da UE ou conceder-lhes fundos para o combate à pobreza.</p>	MT, RO, SE, LV, IT, UK, BE
Incentivo e subsídio à participação em actividades culturais	<p>Existe a necessidade de os pensionistas serem activos na comunidade de uma maneira significativa.</p> <p><i>"Deviam ajudar nas necessidades das pessoas solteiras, por exemplo, pagando a quota de clubes, de associações e de actividades em que os pobres possam manter o contacto com os seus interesses, conhecer outras pessoas e evitar o isolamento." (DK, homem, 67)</i></p>	SE, DK, ES
Controlo dos preços e custo de vida	<p>Controlar os preços dos serviços básicos e dos produtos de primeira necessidade porque os ricos e os pobres pagam o mesmo.</p> <p><i>"A vida para nós é tão cara como é para os ricos." (MT, homem, 64)</i></p>	MT, SK
Habilitações	<p>Criar cursos de formação para os idosos.</p>	PT, ES
Disponibilidade e gestão dos fundos da UE	<p>É considerado que a UE tem um papel a desempenhar no combate à pobreza, nomeadamente através da criação de emprego e do aumento da eficácia e da acessibilidade dos sistemas de saúde, por meio da disponibilização de fundos. O processo de candidatura aos fundos da UE é longo e complexo e deve ser facilitado. Além disso, a forma como os fundos são despendidos e os domínios em que são despendidos</p>	SK

	devem ser fiscalizados, a fim de que os pobres e socialmente excluídos beneficiem deles.	
Tutela ministerial para a pobreza e a exclusão social	<p>Criar uma tutela ministerial para a pobreza e a exclusão social a funcionar no seio da União Europeia. A criação deste papel contribuiria para uma melhor compreensão das questões e aumentaria a pressão sobre outros decisores para tomarem medidas.</p> <p><i>"O Parlamento devia criar um Ministério da Pobreza e o ministro devia, por lei, viver como os pobres para experimentar como é... então, compreenderiam a verdadeira realidade." (UK, homem, 62)</i></p>	UK

Para os inquiridos, estas medidas são **muito valiosas, uma vez que teriam o seguinte impacto directo na sua vida quotidiana:**

- Os seus orçamentos mensais não seriam insuficientes e poderiam pagar despesas básicas, como a água, o gás, a electricidade, a alimentação e os medicamentos (PT). Além de proporcionar os aspectos tangíveis de que os inquiridos necessitam para sobreviver, dispor de dinheiro suficiente também tem benefícios psicológicos, como a **promoção da dignidade da pessoa**, uma vez que a pobreza ainda é vista como vergonhosa ou embaraçosa (DE).

"Vivo sozinho e tenho muita dificuldade em pagar a água e a electricidade, a renda da casa e a alimentação. Por volta do dia 25 ou 26, tenho de pedir dinheiro emprestado a amigos para poder sobreviver até receber outra vez a pensão." (PT, homem, 67)

"Para podermos viver de maneira digna e humana quando formos velhos." (DE, mulher, 62)

- Algumas destas medidas, como os cursos de formação, ajudariam as pessoas a **sentirem-se mais activas** e, por conseguinte, a enfrentar melhor a solidão (PT).

"Cursos de formação para os idosos, para que se sintam valorizados, para lhes dar a oportunidade de fazerem alguma coisa." (PT, homem, 67)

- Medidas como o aumento do rendimento dos pensionistas e a melhoria dos serviços de saúde ajudariam a **combater sentimentos de instabilidade e de medo** de não ter um lugar condigno para viver no fim da vida (PT).

"Ter dinheiro suficiente para pagar um lar e não ter de pedir aos filhos. Alguns filhos não se importam com os pais." (PT, mulher, 72)

- A realização de intervenções destinadas a ajudar as pessoas a sair da pobreza, como a criação de emprego, em vez de se prestar automaticamente assistência social, preserva a dignidade das pessoas que vivem na pobreza e enfrentam a exclusão social e proporciona formas concretas de saída destas duas condições (ES).

-

5.4 Principais mensagens para os responsáveis políticos

Foi perguntado aos inquiridos o que gostariam de dizer aos responsáveis pela política da UE se pudessem falar com eles directamente. Foram identificadas as seguintes mensagens principais:

Prestar uma atenção especial ao **combate ao desemprego** através das seguintes acções ou da tomada de consciência das seguintes questões:

- Criar mais emprego e oportunidades de formação para todos (UK, HU, LV, ES, EL).

"Esperamos verdadeiramente poder confiar na UE e que ela nos possa ajudar. Acredito nisto. E ela vai ajudar-nos porque precisa de nivelar os países, caso contrário, a pobreza em que vivemos seria vergonhosa para ela. Estamos atrasados em comparação com muitos países da UE. Eu estou optimista. Daqui a cinco anos... Talvez eu não viva tanto, mas as coisas podem ser melhores para os meus netos... Se houver postos de trabalho e a economia paralela desaparecer, tudo se resolverá." (HU, mulher, 62)

"Que criem empresas, e toda a gente terá um posto de trabalho e toda a gente terá comida." (LV, mulher, 74)

- Criar mais igualdade salarial (UK).
- Analisar os obstáculos ao emprego, como os enfrentados pelas pessoas que pretendem trabalhar noutro país da UE (HU).

"Não posso trabalhar no estrangeiro porque existem restrições. A liberdade de emprego e a liberdade de comércio não existem dentro da UE. Se os políticos fossem honestos, elas existiriam." (HU, homem, 60)

- Tentar normalizar os salários e os rendimentos na UE, a fim de alcançar uma maior igualdade entre os países (HU).
- Alguns inquiridos consideram que os imigrantes ilegais estão a contribuir para os níveis de desemprego nacionais, uma vez que estão dispostos a trabalhar por salários mais baixos (MT).

Prestar uma atenção especial à **economia e à infra-estrutura** das seguintes maneiras:

- Melhorar os serviços de saúde (RO, UK, ES).
- Melhorar a habitação social (UK, ES).
- Atrair investidores para os países mais pobres da UE (RO).
- Criar infra-estruturas nos países mais pobres da UE (RO).

- Apoiar a agricultura enquanto fonte de alimentos e de emprego (RO).

Escutar os pobres:

- Como em secções anteriores do presente relatório, os inquiridos reiteraram a importância de os decisores escutarem os pobres, a fim de compreenderem quais são os problemas que afectam a sua vida e qual é a melhor forma de os combater (IE, LV, EL, BE).

"Pensem na forma como vivemos... e ouçam-nos." (IE, mulher, 66)

"Dêem-nos uma voz, precisamos de falar." (EL, homem, 70)

Proteger os pobres e socialmente excluídos **contra o crescente custo de vida** e a vulnerabilidade financeira.

- Proteger os direitos adquiridos pelas pessoas que pagaram contribuições para a segurança social ao longo de muitos anos e conquistaram o direito a uma pensão condigna (ES, LV).
- Limitar o custo crescente dos serviços básicos, como a electricidade, a água e o gás (ES, EL).

Prestar atenção às **atitudes para com os pobres** e socialmente excluídos:

- Os responsáveis políticos devem olhar para os pobres como iguais e não como pessoas inferiores, porque todas as pessoas devem ter direitos iguais (MT, EL).

Debater as questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social e retirar ensinamentos das experiências dos diferentes países para encontrar o melhor caminho:

- Debater as questões relacionadas com a pobreza e a reforma na UE e aprender com outros países onde os pobres e reformados se encontram numa melhor situação (SE).

"Ouvir colegas de outros países europeus, como, por exemplo, dos Países Baixos, da Alemanha, da Suíça e da Inglaterra, e receber conselhos deles." (SE, mulher, 62)

- Os decisores devem comunicar claramente entre si e com o público e falar abertamente, numa linguagem clara e directa, sobre as questões relacionadas com a pobreza e as acções que serão empreendidas.

Menos conversa, mais acção:

- Embora seja necessário debater as questões relacionadas com a pobreza, o que é fundamentalmente necessário é tomar medidas, e os respondentes consideram que os decisores não tomam medidas suficientes (PT).

"Eles deviam ser activos." (PT, mulher, 63)

- Embora seja reconhecido que o actual clima económico está a dificultar a resolução de muitas questões preocupantes, é considerado que é possível fazer mais (UK).

Priorizar devidamente as despesas:

- Afectar fundos às questões que teriam o maior impacto na vida dos pobres e socialmente excluídos e não desperdiçar dinheiro com a burocracia envolvida no funcionamento da UE, como a tradução de toda a comunicação (DK).

Condições e apoio iguais para todos os Estados-Membros:

- Tratar equitativamente todos os Estados-Membros no que diz respeito ao apoio e aos subsídios recebidos da UE, nomeadamente no domínio da agricultura (LV).

"Pedir um tratamento igual para todos os Estados-Membros europeus para evitar que os novos Estados-Membros tenham uma condição e os antigos Estados-Membros tenham outra..." (LV, homem, 60)

5.5 A medida que os responsáveis políticos devem tomar

Quando questionados acerca de uma medida que gostariam que os decisores tomassem se soubessem que ela se concretizaria, os inquiridos **reiteraram os aspectos que tinham referido** na secção relativa às medidas que a UE deve empreender contra a pobreza e a exclusão social, nomeadamente: aumentar as pensões, melhorar a eficácia e a acessibilidade do sistema de saúde, criar emprego, melhorar as condições de vida e das zonas habitacionais, consultar os pobres e socialmente excluídos sobre a realidade da sua vida durante a elaboração das políticas.

Dois aspectos adicionais destacam-se das respostas dos inquiridos a esta pergunta. O primeiro destes aspectos é a **concentração nas necessidades claramente mais prementes e imediatas na sua vida**, ou seja, os aspectos que mais os preocupam e têm de ser resolvidos com urgência. Aqui se incluem:

- A reparação imediata das habitações onde residem (PT).

"Tudo o que peço é a reparação do edifício onde moro, está em muito mau estado." (PT, mulher, 73)

- O acesso ou a segurança quanto a um lugar condigno para viver na velhice (PT).

"Podia dar toda a minha pensão a um lugar em condições, dado que não tenho dinheiro para pagar um lar. São muito caros, cerca de 1500 euros, e a minha pensão é de 245 euros." (PT, mulher, 72)

- A melhoria da informação sobre os direitos e as responsabilidades dos pensionistas, por exemplo, sobre os subsídios para cuidados de saúde a que podem candidatar-se, uma vez que a informação neste domínio nem sempre é muito clara (SE).

O segundo aspecto que se destaca nas respostas à pergunta sobre a principal mensagem para os decisores é a concentração na melhoria de aspectos que **não só**

mudariam as condições de vida materiais das pessoas, como também lhes confeririam um **sentido de utilidade e de desígnio**. Exemplos incluem:

- Embora já estejam reformados, os inquiridos gostariam de ensinar aos jovens as suas profissões, como restauração de móveis e canalização. Isto mantê-los-ia ocupados e recuperaria o seu sentimento de valor pessoal. Ao mesmo tempo, os jovens estariam a aprender ofícios úteis (PT).

"Ainda nos sentimos activos, e estarmos inactivos, sem nada para fazer, não é saudável." (PT, mulher, 63)

- Subsidiar a participação na vida cultural, como ir ao teatro, a concertos, etc. (SE, LV).

"Eliminar todos os obstáculos para os idosos em termos de cultura. Se a UE pudesse subsidiar a cultura do mesmo modo que apoia a agricultura, todos os teatros, as óperas, etc., ainda estariam cheios." (SE, homem, 63)

6 QUESTÕES ESPECÍFICAS

Os inquiridos foram questionados acerca de uma série de questões específicas, nomeadamente, as suas opiniões sobre o acesso à Internet e o respectivo impacto na sua vida, as condições de vida nos bairros e nas comunidades em que estão inseridos e os problemas relacionados com a obtenção de emprego. Estes três domínios são particularmente preocupantes no contexto da Ágora, e os inquiridos foram questionados acerca destas questões para determinar o impacto que têm na sua vida e o que os responsáveis políticos devem fazer em relação a estes assuntos. O presente capítulo final analisa cada uma destas questões.

6.1 Principais conclusões

- Aproximadamente **um terço dos inquiridos tem acesso à Internet**, ou através de um computador doméstico, ou através de um computador pertencente a um familiar (como um filho), ou através de uma biblioteca ou organização local de formação. Os inquiridos que não dispõem de acesso à Internet referem o custo e o domínio da nova tecnologia como as principais barreiras. Os inquiridos que não dispõem de acesso à Internet têm opiniões diversas sobre se gostariam ou não de ter acesso a esta tecnologia. O impacto mais citado de não ter acesso à Internet, ou de ter um acesso limitado, é o facto de contribuir para a solidão, o isolamento, a exclusão, a depressão, o *stress* e a ansiedade e para o sentimento de exclusão da sociedade, enquanto ter acesso à Internet pode ajudar a combater estes sentimentos. Os inquiridos gostariam que os responsáveis políticos da UE disponibilizassem o acesso à Internet e cursos de informática a título gratuito ou fortemente subsidiados.
- **A maioria dos inquiridos expressou alguma preocupação com as suas condições de vida precárias e/ou com o bairro** em que reside. Foram expressadas preocupações com uma série de diferentes aspectos, sendo os mais citados o comportamento anti-social e a segurança, a falta de manutenção dos edifícios em que residem e a limpeza das ruas. Sem constituir surpresa, os inquiridos gostariam de ver os responsáveis políticos da UE intervir nestas questões específicas: aumentar as pensões, diminuir os impostos pagos pelos reformados e subsidiar o custo dos serviços básicos e das rendas, uma vez que assim teriam dinheiro para suportar os custos de manutenção básica dos edifícios em que residem.
- Os inquiridos referiram uma série de questões que têm **impacto na sua capacidade para encontrar trabalho**. Entre estas, as que mais se destacam são as barreiras etárias ou a discriminação etária e as crescentes taxas de desemprego. Para combater estes problemas, os inquiridos gostariam que os responsáveis políticos da UE criassem mais oportunidades de emprego e introduzissem medidas para combater a discriminação etária, e que os centros de emprego mostrassem um maior empenho na obtenção de empregos adequados para os trabalhadores idosos.

6.2 Acesso à Internet

Aproximadamente um terço dos inquiridos tem acesso à Internet, ou através de um computador doméstico, ou através de um computador pertencente a um familiar, ou através de uma biblioteca ou organização local de formação. Não é claro quantos destes inquiridos conseguem navegar sozinhos na Internet, já que alguns referiram que, por vezes, os familiares procuram informações para eles. Contudo, resulta claro que existem inquiridos que são capazes de utilizar a Internet sozinhos, e estes utilizam-na com as seguintes finalidades:

- Como uma fonte geral de informação, por exemplo, para ler as notícias e poupar o dinheiro do jornal, para consultar o horário dos comboios, para utilizar os serviços bancários em linha para pagar contas, o que poupa tempo e uma ida aos correios, e para contactar grupos de auto-ajuda (SK, DE, CZ, IT, PL).
- Para acompanhar as ofertas de emprego (HU, ES, PL).
- Para fins recreativos (RO, HU).

"Eu uso a Internet, sabe? Quero dizer, tenho alguns amigos e pesquiso problemas fantásticos, OVNI, artigos de História, fenómenos paranormais..." (RO, mulher, 77)

"Vou ao centro cultural para utilizar a Internet gratuitamente. E utilizo-a em casa da minha filha, também. Navego. É uma janela para o mundo, posso procurar aquilo que me interessa, e distrai-me muito." (HU, mulher, 63)

- Adquirir produtos ou medicamentos em linha (DE).
- Comunicar com amigos, familiares ou outros (CZ).

"É um canal de comunicação importante entre as pessoas e o mundo. É útil para comunicar, para fazer compras e para contactar gabinetes diferentes." (CZ, homem, 60)

Aqueles que têm acesso à Internet **gostam de ter acesso à Internet e consideram-no um factor libertador e potenciador das suas capacidades de intervenção**. Alguns inquiridos tiveram menos dificuldades do que outros em dominar a tecnologia, mas, na maioria dos casos, o medo da dificuldade de aprender a fazer as operações básicas desejadas revelou-se desproporcionado em relação às dificuldades efectivamente encontradas (IE).

"Foi quando o meu marido morreu que tive de assumir mais responsabilidades [e aprender a utilizar o computador]. Nunca esquecerei a primeira vez que me sentei à frente do computador. Os meus joelhos batiam literalmente um no outro com o medo de fazer alguma coisa errada." (IE, mulher, 66)

Os respondentes que não têm acesso à Internet indicaram o custo (PT, IE, DK, CZ, ES, EL, IT, PL, LV, BE) **e o domínio da nova tecnologia** (PT, UK, DK, ES, LV), o qual consideram difícil devido à sua idade (UK, IE, DE, DK, ES, IT), como as duas principais barreiras ao acesso à Internet.

"Se a minha pensão fosse um pouco mais elevada, gostava de ter Internet... Só tenho uma televisão com os quatro canais e um telefone para chamar a ambulância quando é preciso." (PT, mulher, 66)

"É preciso ser assinante ... tem de se pagar ... não nos dão nada gratuitamente." (LV, mulher, 67)

"Não quero utilizar a Internet. Porque haveria eu de dificultar ainda mais a minha vida?" (EL, mulher, 67)

Contudo, os debates nos grupos focais revelaram uma série de outras barreiras associadas, designadamente os desafios mais tradicionais associados à pobreza:

- A iliteracia ou o baixo nível de habilitações (DK, EL).
- O desconhecimento das possibilidades (DK).
- As barreiras emocionais, como a vergonha e o medo de aprender coisas novas (DK).

"Não tenho Internet e não tenho dinheiro para ter. Sim, sei que algumas bibliotecas têm computadores e acesso à Internet, mas não sei o que fazer, nunca aprendi a utilizar um computador. E não, não vou tirar um desses cursos de Internet que diz que eles têm, porque não quero ir para lá fazê-los perder tempo e sentir-me estúpido porque não compreendo nada." (DK, homem, 67)

As sugestões avançadas pelos respondentes para superar estas barreiras incluem:

- Cursos de formação para os idosos sobre a utilização da Internet (PT). Os idosos deveriam ser muito encorajados durante estes cursos, porque para eles a aprendizagem da utilização da Internet é um grande desafio (UK, SE).
- Nos casos em que já existe ajuda para os idosos acederem e aprenderem a utilizar a Internet, estes deveriam ser mais bem informados sobre as oportunidades disponíveis, uma vez que podem desconhecer a sua existência (SE).

Os inquiridos que não dispõem de acesso à Internet têm **opiniões diversas sobre se gostariam ou não de ter acesso** a esta tecnologia.

- Alguns mostraram-se interessados em ter acesso à Internet e em aprender a utilizá-la (PT, UK, DE, DK, EL, BE).
- Alguns inquiridos parecem não ter qualquer interesse em aceder à Internet ou em aprender a utilizá-la, ou, nos casos em que acedem à Internet através de familiares, em aumentar o seu acesso (PT, DE, DK). As razões incluem a iliteracia (PT, DK), não ver o benefício, uma vez que viveram a maior parte da vida sem a Internet (SE, EL) e, portanto, a Internet não é uma prioridade para eles (ES, EL).

"Não percebo nada disso, e isso não é para mim, não sei ler nem escrever." (PT, mulher, 73)

"Não sinto falta da Internet, prefiro contactar com a natureza." (SK, homem, 66)

"Não tenho computador, mas às vezes visito o meu filho e ele ajuda-me se eu precisar de ir à Internet. Mas habitualmente evito-a, prefiro fazer as coisas pelo telefone ou pelo correio." (DK, mulher, 79)

"Não tenho uma casa em condições para viver... Não quero saber da Internet." (EL, mulher, 62)

- Alguns inquiridos gostariam de ter maior acesso às novas tecnologias da comunicação, mas preferem maior acesso aos telemóveis do que à Internet (MT).

Os inquiridos também expressaram sentimentos mais gerais em relação à Internet. Acham que, em geral, a Internet é benéfica. Consideram que algumas pessoas utilizam indevidamente a Internet e que esta pode não ser boa para as crianças, uma vez que substitui a vida real por uma vida virtual (RO). A Internet é também considerada a causa de problemas de costas e de visão nas crianças (RO). A Internet é considerada mais adequada e aplicável às gerações mais novas do que ao grupo etário dos inquiridos (SK). Existe também algum cepticismo em relação à Internet como um elemento necessário da vida quotidiana, em vez de um passatempo que pode roubar tempo a outras actividades (DE, LV).

"Poderia andar menos, passar menos tempo ao ar livre." (LV, mulher, 74)

6.2.1 O impacto de (não) ter acesso à Internet

Os inquiridos comentaram o impacto na sua vida de ter ou não ter acesso à Internet:

- O impacto mais citado de não ter acesso à Internet, ou de ter um acesso limitado, é o facto de contribuir para a solidão, o isolamento, a exclusão, a depressão, o *stress* e a ansiedade e para o sentimento de exclusão da sociedade, enquanto ter acesso à Internet pode ajudar a combater estes sentimentos (PT, RO, UK, DK, IE, BE).

"Incomoda-me porque... se uma pessoa não sabe fazer isso, fica para trás, porque o mundo está a seguir em frente, e a pessoa está a andar para trás." (UK, homem, 62)

"Aliviaria a depressão, o stress e a solidão. Sentimo-nos sós sem nada para fazer, mas se nos sentirmos activos... Alguns destes problemas mentais são causados pela inactividade." (PT, mulher, 63)

"Alargaria os nossos horizontes. Faria com que nos sentíssemos junto dos jovens, iguais aos jovens." (IE, mulher, 66)

"Eles beneficiam com a Internet. Encontram mais notícias, outra informação que não está disponível para os outros." (RO, homem, 61)

- Foi manifestada a opinião de que ter maior acesso aos computadores melhora o conjunto de competências pessoais, especialmente para aqueles que procuram trabalho, uma vez que os inquiridos reconhecem que ter competências de TIC é um factor importante no mercado de trabalho contemporâneo (UK).

"O governo devia incentivar mesmo os reformados... se o governo tivesse um centro de formação, um centro de computadores, podia ajudar a ensinar os reformados também." (UK, mulher, 66)

- Aqueles que têm acesso à Internet têm acesso a mais notícias e informação (como ofertas de emprego) do que aqueles que não têm (RO, DE, HU, IT). Os inquiridos que não têm acesso, mas gostariam de ter, utilizariam a Internet para ouvir programas de rádio, comunicar com os amigos através do Skype, procurar oportunidades de emprego e ler os jornais (LV).

"Eles [aqueles que têm acesso à Internet] beneficiam com a Internet. Encontram mais notícias e informação que não está disponível para os outros." (RO, homem, 61)

Contudo, alguns inquiridos mostram-se descontentes pelo facto de aqueles que têm acesso à Internet terem um maior acesso às notícias. Estes respondentes afirmam que muitos noticiários e jornais se limitam cada vez mais a referir os títulos da actualidade e a solicitar às pessoas que leiam o resto da notícia na Internet. Esta prática é percebida como discriminatória e fomentadora do isolamento daqueles que não têm acesso à Internet (DK, RO).

"Detesto quando estão sempre a remeter para a Internet! O que posso eu fazer? Ficar desinformada e estúpida? Hoje em dia, tudo são notícias curtas que se podem acabar de ler nos sítios da Internet." (DK, mulher 72)

Além disso, alguns inquiridos sentem-se revoltados e descontentes por os serviços serem cada vez mais baseados na Internet, o que lhes dificulta a vida e conduz à exclusão (DK, IE).

"Uma amiga minha que tem muita dificuldade em andar não consegue que o sindicato lhe envie uma carta normal com os dados da pensão, porque insiste em contactá-la por e-mail. Mas ela não tem computador nem Internet e, por isso, tem de ir até lá de autocarro para ir buscar os dados e receber o dinheiro..." (DK, mulher, 81)

"Tudo é mais barato em linha, até o estacionamento, a portagem da auto-estrada, tudo. Dá jeito a quem tem acesso à Internet... mas não nos dá jeito a nós." (IE, homem, 63)

Foi sugerido que a principal prioridade dos responsáveis políticos deve ser travar a rápida progressão dos serviços baseados na Internet em todos os domínios ou assegurar a disponibilidade de alternativas para aqueles que não têm acesso à Internet (IE).

Alguns inquiridos estão preocupados com a possibilidade de estarem a perder oportunidades de emprego porque estas só são publicadas na

Internet. Estes inquiridos não sentem falta do acesso à Internet, mas preferem que as ofertas de emprego sejam publicadas nos jornais (HU).

6.2.2 O que os responsáveis políticos devem fazer em relação ao acesso à Internet

No que diz respeito ao que os responsáveis políticos devem fazer, os inquiridos fizeram as seguintes sugestões:

- Aumentar as pensões para que os idosos possam ter um computador e acesso à Internet em casa, subsidiar computadores de baixo custo e disponibilizar acesso gratuito ou subsidiado à Internet (PT, IE, ES, EL, IT, LV, BE) ou criar centros onde os idosos possam aceder gratuitamente à Internet (PT, DK, CZ, EL).

"Ter uma pensão com que pudesse comprar um computador e ter Internet." (PT, mulher, 66)

"Criar centros para as pessoas como nós, que gostavam de aprender, para podermos aceder à Internet." (PT, mulher, 63)

"Gostava de enviar uma mensagem à UE... deviam introduzir a Internet gratuita para todos!" (CZ, homem, 65)

Os inquiridos consideram que existe a necessidade de ter acesso à Internet a um nível muito local, uma vez que algumas pessoas, particularmente os idosos e as pessoas portadoras de deficiência, têm dificuldade em deslocar-se (UK, IT).

"Para mim, é um esforço muito grande ir à biblioteca e a esses sítios ... [devia haver um sistema para] evitar que as pessoas tenham de sair de casa e ir a outro lugar, podiam pô-lo nas casas das pessoas." (UK, mulher, 68)

"Podiam dar cursos de formação na igreja da paróquia." (IT, mulher, 63)

- Cursos de Internet gratuitos ou fortemente subsidiados (DE, IE, UK, DK, SE, CZ, EL, IT, BE). A formação deve destinar-se a grupos etários específicos, por exemplo, pessoas com mais de 60 anos. Os inquiridos revelaram-se pouco entusiasmados com a aprendizagem de novas competências juntamente com pessoas mais novas, as quais, na sua opinião, querem aprender a um ritmo mais rápido (UK, SE).

"Gostava muito de dominar melhor. Vejo os jovens na Net, e eles conseguem encomendar seja o que for, entrar em tudo, ao passo que eu teria medo de fazer uma compra errada." (IE, mulher, 66)

"Deviam contratar pessoas para nos ensinarem de graça. Gostava muito de ter um sítio onde pudesse aprender a utilizar a Internet." (EL, mulher, 66)

Estas iniciativas têm de ser comunicadas ao público-alvo. As sugestões incluem fazer publicidade nos gabinetes da assistência social, nos correios e nas igrejas, ou mesmo através de cartas enviadas aos idosos (IE).

- Alguns inquiridos não têm sugestões concretas acerca do que os responsáveis políticos devem fazer em relação ao acesso à Internet (RO), enquanto outros consideram que não têm direito, em princípio, a ter um computador ou acesso à Internet e, por conseguinte, não exigem uma intervenção política (DE, FR). Os inquiridos desempregados e reformados consideram que a UE não deve empreender acções a este respeito, uma vez que o acesso à Internet não é uma prioridade no combate à pobreza (EL).

"Estamos a falar de pobreza, sejamos sérios. É inaceitável falar da Internet quando há pessoas que não têm o que comer." (EL, homem, 64)

6.3 Condições de vida e zonas habitacionais

A presente secção analisa as preocupações específicas dos inquiridos com as suas condições de vida e os bairros em que residem, o impacto destes na sua vida e as medidas que os inquiridos gostariam que os responsáveis políticos tomassem relativamente a estas preocupações.

6.3.1 Problemas específicos dos inquiridos

Nem todos os inquiridos estão preocupados com as suas condições de vida e com o bairro em que residem (PT, SK, DE, IE, IT). Uma razão para isso é o facto de alguns inquiridos residirem no mesmo bairro em que viviam antes de se reformarem ou residirem há muito tempo no mesmo bairro, e sentirem-se confortáveis no mesmo meio (SK, DE). Além disso, a renda associada a contratos mais antigos é comparativamente baixa (DE). Afigura-se que residir num meio familiar é muito importante para alguns inquiridos, os quais só abdicariam desta situação se tal fosse inevitável (DE). Além disso, viver num ambiente agradável e em boas condições contribui para a saúde psicológica dos indivíduos, o que é particularmente importante para os idosos pobres e socialmente excluídos (PT).

"Vivo aqui há 58 anos. Quem cresce nesta zona conhece toda a gente." (DE, homem, 64)

"Penso que a prioridade é manter a população saudável. Estar satisfeito é meio caminho andado para ter saúde mental, especialmente para os idosos que não têm uma ocupação." (PT, mulher, 63)

Contudo, **a maioria dos inquiridos expressou alguma preocupação com as suas condições de vida precárias e/ou com o bairro** em que residem (RO, DK, PT, IE, HU, UK, BE). Foram manifestadas preocupações com os seguintes aspectos:

- O comportamento anti-social e a segurança. Aqui se incluem aspectos como cães vadios, dejectos caninos, o baixo nível de integração dos imigrantes nas comunidades locais, vandalismo, sem-abrigo e toxicodependentes (RO, UK, DK, IE, CZ, IT, PL, BE).

"Sabe o que é o pior? Não podemos deixar as crianças brincar na rua, perto do edifício, porque temos medo de que sejam atacadas. Tenho de ir buscar o meu neto de 15 anos à escola... Não pode ser assim, estou muito transtornada por causa disto." (RO, mulher, 77)

"Tenho drogados à volta de casa..." (CZ, mulher, 60)

"Fui atacada, já fui espancada. Tenho medo." (BE, mulher, 68)

Existe a percepção geral de que as franjas da sociedade estão a ser concentradas nas zonas em que a habitação é barata, sendo que estas são também as zonas habitadas pelos inquiridos (DK).

"Percebemos que há cada vez mais pessoas marginalizadas a serem alojadas no nosso bairro. São pessoas que não conseguem encontrar emprego e são sobretudo pessoas de outra etnia." (DK, mulher, 71)

- A falta de manutenção dos edifícios em que os inquiridos habitam, por exemplo, escadas e áreas comuns sujas (PT, DK, HU, LV).

"O meu edifício tem rachas e, às vezes, desfaz-se aos bocados." (PT, mulher, 73)

"Os proprietários deviam finalmente limpar e reparar as escadas e os sótãos." (LV, mulher, 74)

- A insuficiente periodicidade da recolha do lixo doméstico, o lixo nas ruas, o número insuficiente de caixotes do lixo (PT, UK, ES, EL) e a preocupação com o impacto que as políticas propostas para penalizar aqueles que não reciclam correctamente terá nos pobres (UK).

"Há lixo nas ruas e é muito raro ver o camião do lixo recolhê-lo." (PT, mulher, 66)

- O mau estado das estradas (RO), dos transportes públicos (HU) e o ruído do tráfego para aqueles que vivem perto de estradas com elevados volumes de tráfego (DK).

"Os jovens saem da escola e partem tudo. Arrancam os vidros das paragens de eléctrico e de autocarro ao pontapé, partem os bancos, pintam as casas todas... Depois ouvimos na televisão e na rádio e lemos nos jornais quanto custa consertar o que eles estragam. Não avançamos, continuamos nas mesmas condições, voltamos a consertar." (HU, homem, 65)

- A falta de infra-estruturas ou de instalações no bairro (PT, IE, ES). Aqui se incluem a falta de instalações desportivas, de lares, de locais onde os jovens possam jogar futebol e de locais onde os idosos se possam reunir e participar em actividades sociais (PT, IE).
- A centralização do aquecimento e do abastecimento de água quente nos blocos de apartamentos em que os inquiridos residem. Os inquiridos

partilham proporcionalmente os custos, mas quando alguns não pagam, o fornecedor do serviço suspende o abastecimento (HU).

- A dimensão das habitações, por exemplo, daqueles que vivem e trabalham a tempo parcial no mesmo espaço (PT).

"Não ganho muito dinheiro com o meu trabalho, mas viver num quarto onde a bancada de trabalho é também a mesa para comer... o que posso fazer?" (PT, homem, 67)

- **A falta de vegetação** (EL).

"O meu bairro não tem árvores. Estou rodeado pelo cinzento dos edifícios." (EL, homem, 70)

- O elevado custo das rendas (BE).

6.3.2 O que os responsáveis políticos devem fazer em relação às condições de vida

É considerado que os responsáveis políticos não conhecem ou não compreendem plenamente as condições de vida dos inquiridos e os bairros em que estes residem (IE, LV).

"Eles não sabem nada e não querem saber." (IE, mulher, 63)

Existe a percepção de que os responsáveis políticos da UE estão totalmente distanciados destes desafios e, assim, desconhecem os problemas que os inquiridos enfrentam diariamente (DK). Para os inquiridos da República Checa, as questões relacionadas com as condições de vida e as zonas habitacionais são da exclusiva responsabilidade dos políticos locais e não da responsabilidade dos decisores a qualquer outro nível, embora tenham citado o exemplo positivo da concessão de fundos pela UE para a construção de um parque local.

Os inquiridos consideram que os responsáveis políticos só revelam interesse e só ouvem a população que vive em bairros pobres quando estão em campanha eleitoral. Neste sentido, os responsáveis políticos estão cientes das condições nestas zonas, mas, após as eleições, nada muda (PT, FR).

"Quando estamos perto das eleições, todos eles visitam os lugares pobres. Pedimos isto e aquilo, eles dizem que vão ver o que podem fazer, mas nós não vemos nada." (PT, mulher, 66)

É considerado que os responsáveis políticos não demonstram empatia na abordagem a estas questões (RO, UK, ES, EL) ou estão principalmente interessados em "ganhos rápidos", como impedir que as crianças brinquem onde não devem (UK).

"Acho que [a câmara municipal] só trata dos casos fáceis... miúdos, adolescentes com catorze, quinze anos. Quando se trata do ruído ou de qualquer coisa realmente difícil, eles não conseguem resolver nada, não fazem a mínima ideia." (UK, mulher, 69)

Embora haja algumas tentativas por parte dos responsáveis políticos para abordar estas questões, elas continuam a ser os problemas dos inquiridos (HU, LV).

No que diz respeito **ao que os responsáveis políticos podem fazer** para melhorar as condições de vida e o meio envolvente dos inquiridos, foram feitas as seguintes sugestões:

- Aumentar as pensões, diminuir os impostos pagos pelos reformados e subsidiar o custo dos serviços básicos e das rendas, uma vez que assim teriam dinheiro para suportar os custos de manutenção básica dos edifícios em que residem e para pagar um alojamento condigno a um preço razoável (RO, SE, MT, HU, ES, EL, PL, BE).

"Eles [autoridade para a habitação] querem que me mude para uma casa vazia. A fachada nem sequer está estucada ou pintada... a parede das traseiras precisa de ser reparada. O empreiteiro pediu não sei quantos milhares de euros para estucar as traseiras, e ela disse-me que tenho de ir viver para a casa como ela está. Não tenho cozinha nem casa de banho, não tenho nada..." (MT, mulher, 64)

- Melhores salários para os polícias (RO) e uma presença policial mais visível que desencoraje os comportamentos anti-sociais (UK, BE).
- Investir mais em espaços comunitários que possam ser utilizados por todos. Para criar estes espaços, é necessário falar com a comunidade para determinar as suas necessidades; depois, deve investir-se na construção destas estruturas, as quais devem ser acessíveis (por exemplo, não colocar uma sala para jogar às cartas destinada aos idosos no cimo de um bloco de apartamentos); por fim, deve assegurar-se que as instalações sejam mantidas limpas e utilizáveis sempre que forem requisitadas (IE). É importante consultar as pessoas a respeito das suas necessidades antes de construir ou de modernizar as infra-estruturas (MT).

"Um salão comunitário, aberto todas as noites, com alguém a supervisionar. Oferecer uma chávena de chá aos idosos, esse tipo de coisa. Ou até aos menos idosos, eles que venham pôr a tocar os seus CD ou o que quiserem, mas tirem-nos das ruas." (IE, mulher, 63)

- Agir.

Existe a percepção de que os responsáveis políticos não tomam medidas suficientes, e de que deveriam identificar os problemas, analisá-los e resolvê-los. Neste sentido, os responsáveis políticos locais são importantes, uma vez que estão em contacto com a realidade das condições de vida das pessoas (PT).

"Os políticos locais são importantes para identificar os problemas e transmiti-los aos outros políticos... pelo menos, estão em melhores condições para conhecer melhor os problemas." (PT, mulher, 63)

- Melhorar os serviços de saúde da área (RO).

- Pressionar os empreiteiros no sentido de recolherem material de construção útil que é deitado fora e pode ser reciclado e reutilizado em benefício de famílias mais desfavorecidas (MT).

"Podia construir uma casa com o que vejo nos contentores do lixo... quando deitam uma casa abaixo, vai tudo para o lixo... vidros, janelas, portas, é tudo deitado fora, vigas de aço e vigas de madeira... este material podia ser reciclado para construir casas para as pessoas." (MT, homem, 64)

- Deve conceder-se maior atenção às necessidades habitacionais das pessoas doentes, portadoras de deficiência ou que têm dificuldade em cuidar de si devido à velhice (DE, ES).

"Nos meus documentos está escrito "deficiência profunda" e eles sabiam o valor da minha pensão, e atribuíram-me um apartamento num sexto andar e demasiado caro." (DE, mulher, 64)

- Os inquiridos não querem ser obrigados a abandonar o apartamento e o meio envolvente com que estão familiarizados. Para alguns inquiridos que enviuvaram ou perderam o emprego, a familiaridade e a protecção oferecidas pelas suas casas são a única segurança que lhes resta (DE).
- Melhorar a **estética do bairro** através da plantação de árvores, da construção de praças, de passeios ou de locais para caminhar, etc. (EL).

Em termos de prioridades, é geralmente considerado que a concentração nas condições de vida e nas zonas habitacionais deve ser uma das principais prioridades para os responsáveis políticos, uma vez que estes factores afectam a vida quotidiana dos pobres e socialmente excluídos.

6.4 Problemas na obtenção de emprego

A composição dos grupos determinou que o problema da obtenção de emprego não fosse aplicável a todos os inquiridos, uma vez que alguns já se encontravam reformados (DK, IE, PT, RO, SE). Não obstante, os inquiridos tinham a sua opinião sobre o assunto, e alguns foram atingidos pelo desemprego durante a vida activa. Evidentemente, havia outros inquiridos para quem a procura de trabalho era mais relevante, como os que se encontravam desempregados.

À semelhança de outros aspectos relacionados com a pobreza e a exclusão social, o facto de ter um emprego não só traz benefícios materiais ou financeiros aos que se encontram reformados, como também lhes proporciona uma ocupação e, mais importante ainda, confere-lhes um sentimento de valor pessoal (IE).

Apenas no grupo húngaro teve lugar um debate sobre se deve ou não ser permitido que os reformados trabalhem. O ponto de vista apresentado por uma mulher desempregada foi o de que, no processo de procura de emprego, os desempregados devem ter prioridade sobre os reformados por motivos de idade porque estes recebem uma pensão (HU). Este argumento pareceu ser aceite pelo grupo, o qual o consideraria justo se as pessoas que se encontram reformadas ou

em idade de reforma deixassem de trabalhar e cedessem os seus postos de trabalho aos mais jovens, especialmente aos jovens licenciados que procuram emprego. Isto porque o desemprego entre os jovens (geração dos filhos dos inquiridos) causa ainda mais ansiedade nos inquiridos do que a sua própria situação de desemprego (HU).

"A minha filha perdeu o emprego há três meses e tomou comprimidos para tentar suicidar-se. Disse-me que os nervos dela não conseguiam suportar esta situação e que estava a tentar aguentar-se em vão. Ela não morreu, sobreviveu, mas está em casa desde então e não voltou a trabalhar." (HU, homem, 60)

"Eu não deixava trabalhar as pessoas com pensões altas, acima dos 100 000 florins. Deviam ceder o lugar aos jovens." (HU, mulher, 64)

Contudo, outros respondentes consideram que é possível criar pequenos empregos a tempo parcial para os idosos, o que pode ser benéfico para alguns em termos financeiros. Os pensionistas que recebem benefícios para cobrir os custos das necessidades básicas ficam revoltados quando dois terços dos seus rendimentos suplementares são deduzidos nos impostos ou quando a obtenção de rendimentos suplementares significa que têm de abdicar dos benefícios sociais. Este facto tende a retirar-lhes a motivação para trabalhar (DE, MT).

6.4.1 Problemas específicos dos inquiridos

Os inquiridos referiram uma série de questões que têm **impacto na sua capacidade para encontrar trabalho**. Figuram entre estas, designadamente:

- Barreiras etárias/**discriminação etária** intencional(ais) ou involuntária(s) (DE, PT, IE, MT, UK, SK, CZ, ES, EL, IT, PL, LV, BE).

As pessoas com mais de 50 anos têm medo de perder o emprego porque é muito difícil encontrar emprego quando se está perto da idade da reforma (SK). Estas pessoas pensam que a sociedade as vê como não tendo valor suficiente para serem empregadas e, por conseguinte, sofrem discriminação etária (SK).

"É extremamente difícil. Quando digo a minha idade, eles só dizem "Ah, não, estamos à procura de uma pessoa mais nova". (PT, mulher, 63)

"Há algumas pessoas inscritas nele [programa de emprego] e não têm qualquer oportunidade de arranjar um emprego. Nunca arranjariam um emprego, especialmente as pessoas da nossa idade." (IE, homem, 63)

"Já quase desisti de procurar trabalho... Não estou a receber ajuda nenhuma, sabe? Um problema é a minha idade, porque tenho quase 63 anos, e só por si isso é mais de 50 % do problema, porque não há nenhuma empresa que vá contratar alguém da minha idade. Então, a quem peço ajuda?" (UK, homem, 62)

"Por causa da minha idade. Enviei currículos para toda a Bélgica, estava disposto a sair de Bruxelas. Mas só recebi uma resposta, para me dizerem que, em vez do meu perfil, podiam contratar duas pessoas com trinta anos." (BE, homem, 60)

Segundo os inquiridos, existe também uma falta de interesse do sector privado na contratação de pessoas do seu grupo etário (IE).

"Eu era pintor e decorador, mas não há trabalho lá [no sector privado]. Agora estou num programa comunitário [de reinserção profissional]. Trabalho 19 horas e meia por semana e recebo um pouco mais do que receberia no subsídio de desemprego." (IE, homem, 63)

- As crescentes taxas de desemprego (PT, CZ, EL, IT, LV).

"É difícil para os jovens encontrar emprego, por isso, imaginem como é difícil para os mais velhos." (PT, mulher, 63)

- **Procurar trabalho é um processo dispendioso** (UK, DK, DE, BE).

Procurar trabalho custa dinheiro. Os montantes necessários para pagar as deslocações de transportes públicos às entrevistas e imprimir CV, por exemplo, são relativamente pequenos, mas tornam-se problemáticos quando existe pouco espaço no orçamento pessoal para acomodar estes custos (UK, DK).

"E encontrar emprego custa dinheiro, é o que lhe digo... Umhas moedinhas do meu mealheiro aqui, umas moedinhas ali... Isso faz-me ficar desmotivado." (UK, homem, 62)

- A falta de apoio dos centros ou agências de emprego e a atitude negativa destes face aos candidatos a emprego idosos (DE, UK, IT).

"Inscrevi-me no centro de emprego como desempregado à procura de emprego... cancelei a minha inscrição porque achei repugnante a forma como estavam a tratar do caso. Encontrar um emprego para mim não era uma prioridade para eles... tratam-nos como se fossemos de outro mundo, só porque não temos emprego, só porque nos inscrevemos lá, pensam que somos reles, sabe?" (UK, homem, 62)

- **As barreiras relacionadas com a saúde** (DE, DK, CZ).

As pessoas que não têm condições de saúde para trabalhar a tempo inteiro, mas, mesmo assim, podem trabalhar, não recebem suficiente atenção. Em vez de receberem benefícios sociais completos, estas pessoas poderiam trabalhar 10 a 15 horas semanais (DK).

A saúde física influencia a medida em que os idosos ainda são capazes de trabalhar e de procurar emprego (DE).

- **Custos mais elevados para as empresas** e menos flexibilidade (SK, PL).

É reconhecido que as pessoas em idade de pré-reforma têm muita experiência, o que significa que, para as empresas, o custo da contratação destas pessoas é mais elevado do que o custo da contratação de jovens licenciados inexperientes (SK). Além disso, estas pessoas têm hábitos de trabalho e rotinas enraizados que são mais difíceis de alterar e de modificar em comparação com os jovens e, por conseguinte, a sua contratação é menos atractiva (SK).

Contudo, as competências destas pessoas podem estar desactualizadas devido a um período de desemprego (ES).

- Existe uma **escassez generalizada de aprendizes**. Os artesãos só querem acolher aprendizes com boas referências (DK).
- A **exigência de saber falar uma língua estrangeira** na candidatura a um emprego, embora esta nunca venha a ser utilizada. Este facto constitui uma vantagem para os mais jovens, uma vez que aprendem outras línguas (CZ).
- **Mão-de-obra mais barata** (IE).

O cerne do problema são sobretudo os residentes estrangeiros que estão dispostos a trabalhar por salários mais baixos ou que são preferidos em detrimento dos trabalhadores locais (IE).

6.4.2 O que os responsáveis políticos devem fazer em relação à dificuldade dos idosos em encontrar emprego

No seguimento das barreiras à obtenção de emprego analisadas na secção anterior, os inquiridos fizeram uma série de sugestões quanto à forma como esta situação pode ser resolvida:

- Criar **oportunidades de emprego** (MT, PT, EL, LV).

"Deviam criar mais empregos." (PT, homem, 67)

Introduzir medidas que ajudem os idosos a continuar independentes economicamente gerindo empresas próprias. Instituir benefícios fiscais permitindo que as pessoas paguem impostos de acordo com os seus rendimentos em vez de um imposto fixo (PT).

"Podia montar um negócio de venda de comida feita em casa, mas depois tinha de pagar à segurança social uma prestação fixa, quer vendesse ou não. Deviam criar um sistema em que só pagamos quando vendemos ou de acordo com o que vendemos." (PT, mulher, 63)

- Medidas para **combater a discriminação etária** (IE, SK, CZ).

Os inquiridos reconhecem que este não é um problema fácil de resolver e tiveram dificuldade em fazer sugestões sobre a forma como deve ser

combatido (IE, CZ), embora alguns respondentes considerem que devem ser introduzidas medidas para proporcionar igualdade de oportunidades para todos (MT). É necessário reconhecer que o problema da discriminação etária no local de trabalho existe, uma vez que é muito difícil de provar (IE, SK).

"Não conseguimos [resolver os problemas] porque ninguém acredita em nós... a não ser que vão conosco à entrevista." (IE, mulher, 63)

Uma solução pode ser facilitar a criação de empresas, quer em termos de apoio financeiro, quer através da eliminação da burocracia que entrava as empresas em fase de arranque. Outra solução seria programas de formação e planos de reinserção profissional alargados a mais candidatos e mais bem publicitados junto dos potenciais beneficiários (IE).

Alguns inquiridos estão cépticos quanto à possibilidade de os responsáveis políticos fazerem alguma coisa em relação à discriminação etária no emprego, uma vez que se trata de uma questão de atitude da sociedade, e quanto à necessidade de esta atitude mudar (SK). Foi sugerida a concessão de incentivos aos empregadores para a contratação de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (ES, EL).

- Os inquiridos gostariam de ver um **maior empenho dos centros de emprego** na obtenção de empregos adequados para os trabalhadores idosos (DE, UK, EL).

As agências de emprego devem contratar candidatos a emprego como conselheiros para apoiar as decisões políticas em assuntos relacionados com o desemprego. Isto permite que as políticas sejam pensadas a partir da perspectiva de quem está pessoalmente confrontado com os problemas (UK).

"Podiam contratar-me para a equipa... estou do outro lado, por isso, sei quais são os problemas." (UK, homem, 62)

- Deve ser concedida atenção à formação profissional e às oportunidades de aprendizagem, as quais devem ser reintroduzidas nos domínios em que tendem a desaparecer, e a aceitação de aprendizes deve ser tornada mais atractiva para os artesãos (HU, DK).
- Tornar o sistema tão flexível quanto possível, permitindo que as pessoas que não têm condições de saúde para trabalhar a tempo inteiro trabalhem apenas 10 a 15 horas semanais (DK).
- Fornecer aos desempregados passes mensais gratuitos para os transportes públicos, para poderem deslocar-se e procurar emprego (DK).
- Elevar o limiar dos rendimentos suplementares para os beneficiários de pensões ou prestações sociais, para que a aceitação de um emprego a tempo parcial seja mais compensadora (DE).
- Restringir a concorrência com trabalhadores estrangeiros na procura de emprego (IE, ES).

Como foi referido ao longo do presente relatório, os inquiridos consideram que, no que respeita à questão do emprego dos idosos, é importante que os responsáveis políticos a nível europeu falem com pessoas que estão confrontadas com estes problemas e conheçam melhor a realidade da sua vida (MT).